

ANO 2 - NÚMERO 13 - NOVEMBRO 2015

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 9,90



MUDANÇAS CLIMÁTICAS

OS DESAFIOS DO AQUECIMENTO GLOBAL
NA CÚPULA DO CLIMA

CONSCIÊNCIA NEGRA
ENQUANTO A COR DA PELE
FOR MAIS IMPORTANTE

p. 15

BIODIVERSIDADE
DIFUSÃO DO CERRADO

p. 20

PERFIL
SÔNIA BONE GUAJAJARA

p. 32



Baixe o aplicativo do Banco do Brasil

Aplicativo do Banco do Brasil para celular: completo e fácil de usar.



Um aplicativo para você realizar transações bancárias com facilidade, agilidade e segurança. **Baixe e conheça.**

Conheça mais tecnologias para facilitar sua vida.



Aplicativo



Saque móvel



Pagamentos



Compras com celular

Central de Atendimento BB | SAC 4004 0001 ou 0800 729 0001 | Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0722 | Ouvidoria BB 0800 729 5678 | ou acesse bb.com.br | @bancodobrasil | #bancodobrasil





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info



Agradeço pela qualidade da revista! **Cleonice Barros, Professora. Formosa – Goiás.**

Olá, equipe da revista Xapuri! Tenho acompanhado o trabalho socioambiental de vocês. Mando minha contribuição em forma desta mensagem: Vouô, Vouô, Papai, Mamãe, Titio, Titia... Deixem-me viver. Plantem árvores!
José Carlos Café – Professor. Ituiutaba – Minas Gerais.



Muito agradecida pela atenção e pela assinatura da revista Xapuri. Estou encantada com a revista. Quero todas as edições anteriores. Que bom gosto, que qualidade!
Leticia Pinheiro – Belo Horizonte – Minas Gerais.

Excelente revista, e você como sempre. Jaime Sautchuk, com texto extremamente qualificado. Gostei muito da homenagem a Paulo Bertran e de Ziraldo, a cara do Brasil. Estou enviando para o Sérgio Reis. Encontrei-o recentemente, no aeroporto de Congonhas, e lembramos muita coisa boa da história de vida de vocês. Um forte abraço.
Adson França – Médico, Consultor do Ministério da Saúde. Salvador – Bahia.

Recebi a revista, agradeço demais. Que arte linda a da Xapuri! Amei!
Nena Lentini – Brasília – Distrito Federal.



Excelente revista! Recomendamos sua assinatura! **Martha e Paulo Cesar Nunes – Formosa – Goiás.**

Somos assinantes da Xapuri, e é sempre uma alegria quando recebemos uma nova edição. Apreciamos particularmente a receita do queijo que veio na edição de setembro de 2015. Incorporamos a receita da "Tia Baíla" à seleção de queijos caseiros que, com muito prazer e dedicação, fazemos para proveito nosso e de nossos amigos. Que venham mais receitas, reportagens e novidades! Nós do Mato Grosso, meio paulistanos, meio paraenses, meio mineiros, meio mato-grossenses, mas, acima de tudo, brasileiros, damos os parabéns e desejamos muito sucesso à Xapuri.
Oswaldo Vallilo & Família – São José do Rio Claro – Mato Grosso.



As causas da educação têm pautado a minha vida. Que grata surpresa a Xapuri me traz com o texto "A boniteza do Ensinar e Aprender" [ano 1 – ed. 12 – outubro/2015 – autor Jacy Afonso], ao se posicionar na defesa de que o aprender se torna possível à medida que possibilidades são construídas e, sempre, pautadas numa relação dialógica. Acredito nisso!
Edi Silva Pires, professora. Sobradinho – Distrito Federal.

Salve! Ainda bem que o Brasil tem uma revista tão inteligente como a Xapuri. Parabéns! **Agop Kayayan, Consultor Internacional. Guatemala – América Central.**



Recebi meu terceiro exemplar da revista Xapuri, está muito bom. Sou uma assinante satisfeita! **Laura Rosa Raposo Barros – Valparaíso – Goiás.**

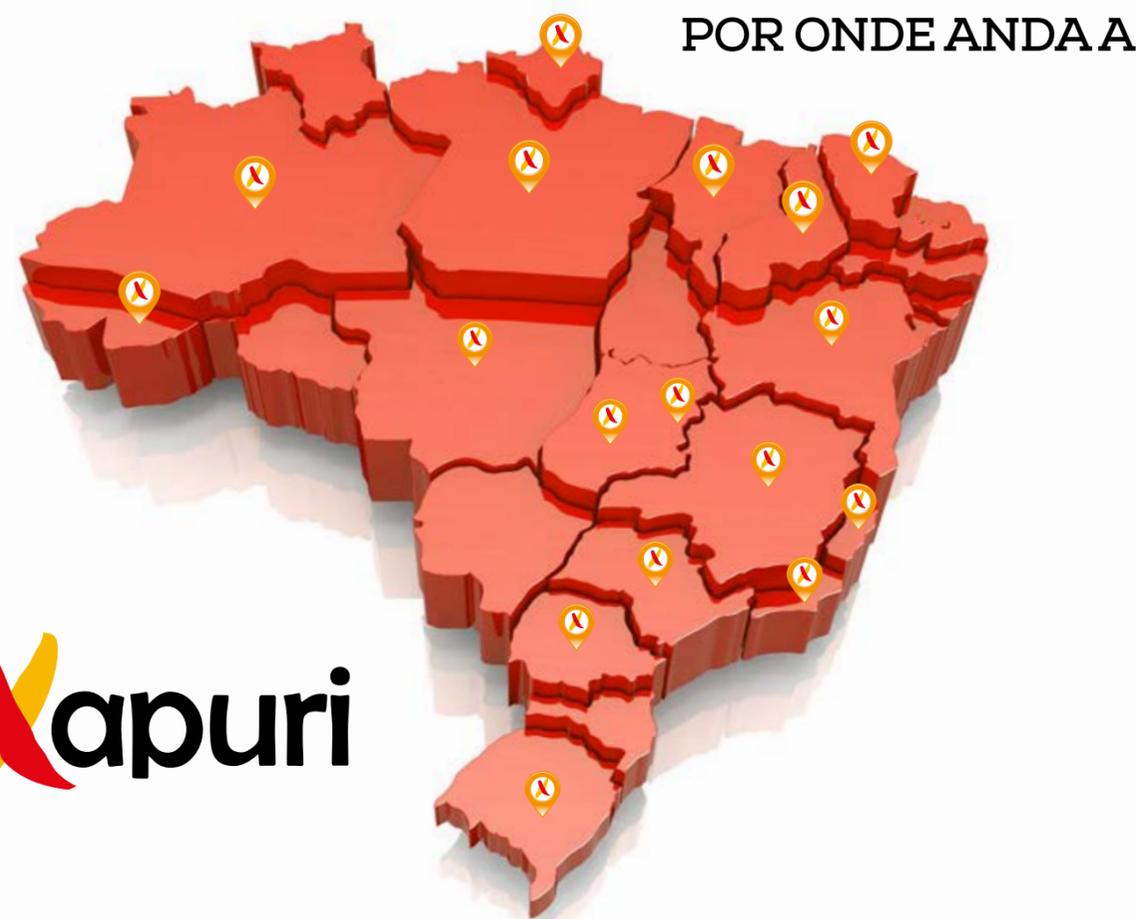
Finalmente encontrei uma revista que me atende na minha crença, nos meus anseios de vida melhor, de trabalhar o social, o ambiental etc. Obrigada, muito obrigada!
Fátima Santos da Mata – Belo Horizonte – Minas Gerais.



Gostei muito da revista Xapuri. Senti muita saudade e me deu muita vontade de saborear aquele delicioso queijo que minha irmã Debraíla Vilas Boas fazia pra gente comer com aquele doce de leite que só ela sabia fazer... Boa lembrança!
Odércia Vilas Boas, 83 anos. Iturama – Minas Gerais.



A minha revista Xapuri do mês de outubro já chegou! E a sua? Super indico!!!
Ingrid Rocha Ribeiro, Professora. Brasília – Distrito Federal.



POR ONDE ANDA A



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA ANUAL 12 EDIÇÕES

R\$ 95,00

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

Nem nos apercebemos direito, e mais um ano está chegando ao fim, de modo que nossa existência no Planeta Terra aumentou ou diminuiu um bocadinho, não sabemos direito. Todos temos certeza, contudo, de que há algo de errado na maneira com que os maioraes desta partícula do Universo têm lidado com a questão. Os detentores da sabedoria, tudo indica, pouco sabem do futuro que nos aguarda. Mas, a muitos, isso pouco importa.

Fazemos guerras por aparentes banalidades, mas essas enriquecem os fabricantes de armas e satisfazem a ganância dos grileiros dessas possessões que formam nossos continentes. Os estados nacionais, supostos anteparos de culturas, ou de razões pra se viver, são demolidos ao bel-prazer de alguns, e os seres vivos, inclusive os humanos, são degredados ainda mais às brumas da incerteza.

Nós, brasileiros e brasileiras, também já sentimos na pele as consequências das mudanças climáticas, por efeito de ações globais e por nossas próprias práticas. Riachos, ribeirões e até rios secam a olhos vistos. Os biomas que formam nosso território, com destaque ao Cerrado e à Amazônia, se esvaem por força de um modelo econômico que prioriza os cifrões em vez da qualidade de vida, de um digno viver.

Este é o tema de capa desta edição de Xapuri. No final do mês, as nações do mundo se reúnem novamente na Cúpula do Clima, em Paris. O encontro preparatório, realizado em Bonn, na Alemanha, em outubro, reuniu 195 países e produziu um documento repleto de dúvidas e protelações. É, de toda forma, um momento de reflexão, que buscamos acompanhar, com o fim de bem informar.

Como de costume, contudo, a revista traz seus colunistas e matérias de variados temas, com pureza e alegria. Um perfil da líder indígena Sonia Bone Guajajara, as lembranças de Grande Otelo, uma revisitação da República, a discriminação racial e até as delícias da jabuticaba, tudo muito bem embalado. E não é só isso, tem muito mais.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk
Editores

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

“ Do céu cinzento a chuva em fios longos coa...
 Molha-se o parque. Vê, que alegria na terra!
 Toda a paisagem bebe a água da chuva boa
 E uma bruma sutil entre as árvores erra.
 Bom tempo! Quando chove é que é bom tempo ... ”

Ribeiro Couto (1898-1963)

COLABORADORES/COLABORADORAS NOVEMBRO

Adriana Ramos - Jornalista, Coagricultora (CSA), Vice-Presidenta do Instituto Socioambiental - ISA; **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo e Antropólogo, Professor da Universidade Católica de Goiás; **Ana Flávia Silvestre** - Artista plástica; **Anderson Blaine** - Web Designer; **André Brunckhorst** - Consultor Coprod/ICMbio/PNUD; **Antenor Pinheiro** - Jornalista; **Antonio Victor** - Professor, Compositor, Escritor; **Carlos Caridade** - Professor; **Celso Maldos** - Fotógrafo; **Fabiana Peneireiro** - Agrônoma, Mestre em Ciências Florestais pela Esalq/USP, Agricultora (CSA), Membro do Núcleo Brasília do Mutirão Agroflorestal; **Fabiola Silva** - Médica, formada na ELAM (Cuba), integrante do programa Mais Médicos; **Fernando A. Gelfuso** - Cientista Social, Historiador, Professor; **Jacy Afonso** - Sindicalista; **Jaime Sautchuk** - Jornalista, Escritor; **Jéssica Ferreira** - Fotógrafa; **Joseph S. Weiss** - Engenheiro Agrônomo Ph. D., Diretor da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica; **Leonardo Boff** - Filósofo, Teólogo, Escritor; **Lúcia Resende** - Mestre em Educação, Consultora de Redação; **Zezé Weiss** - Jornalista Socioambiental.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Altair Sales Barbosa
4. Binho Marques
5. Cássia Oliveira
6. Graça Fleury
7. Jacy Afonso

8. Juan Pratginestòs
9. Marcelo Manzatti
10. Neusimar Coelho
11. Priscila Silva
12. Socorro Alves
13. Ronei Alves
14. Rui Faquini



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (61) 3718-3232. E-Mail: revista@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.801-970 - Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9974-3761; Lúcia Resende (61) 84046128. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9918-0983; Zezé Weiss (61) 9974 3761. Revisão: Lúcia Resende, Zezé Weiss. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Tiragem: 20.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Weiss - Cientista social, Produtor Cultural; Circulação: Revista Impressa - Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo. Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.



10 CAPA
 Mudanças Climáticas
 Os desafios do aquecimento global na Cúpula do Clima

32 PERFIL
 Sônia Bone Guajajara

15 CONSCIÊNCIA NEGRA
 Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos...

35 ECONOMIA SOLIDÁRIA
 Por uma nova economia para cuidar da Terra, nossa casa, nossa única morada

20 BIODIVERSIDADE
 Difusão do Cerrado

42 SUSTENTABILIDADE
 Manejo de jacaré é realidade em Rondônia

13 CURTAS

36 GASTRONOMIA
 A brasileiríssima jabuticaba

17 MEMÓRIA
 Grande Otelo, herói de muito caráter

38 EDUCAÇÃO
 Base Nacional Comum Curricular

22 SAÚDE
 Novembro Azul

40 ECOTURISMO
 Alter do Chão
 O Paraíso na Terra

26 HISTÓRIA
 República, Lima, vacina e exclusão

44 CULTURA
 Música Feneae 2015

29 LITERATURA
 Mãos contrárias

46 URBANIDADE
 Praças recortadas, cidades erradas

31 AGROECOLOGIA
 CSAs: comunidades que sustentam a agricultura

48 SUSTENTABILIDADE
 As grandes travessias

50 LENDAS BRAILEIRAS
 Negrinho do Pastoreio



MUDANÇAS CLIMÁTICAS

OS DESAFIOS DO AQUECIMENTO GLOBAL NA CÚPULA DO CLIMA

Joseph S. Weiss

À medida que o calor avançava no Brasil inteiro, dando sinais evidentes do efeito das mudanças climáticas em nossas vidas, a última reunião antes da Cúpula do Clima foi encerrada em Bonn, na Alemanha, no último dia 24 de outubro, com a participação de 195 países e com poucos avanços.

Grande parte das decisões sobre um novo acordo para reduzir o impacto do aquecimento global ficou para

a 21ª Conferência das Partes da Convenção sobre Mudanças Climáticas, a chamada COP-21 ou Cúpula do Clima, agendada para o período de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015, em Paris.

Por que nos interessam e nos preocupam os resultados da Cúpula de Paris? Primeiro, porque as tão temidas mudanças do clima já bateram às nossas portas com seus impactos inevitáveis: o ano mais quente da história, as

secas, as inundações, a falta de água, o encarecimento da energia elétrica. E isso deve continuar piorando, pois estamos sentindo hoje os efeitos do aumento das emissões de gases de efeito estufa causados por nós mesmos, os seres humanos, alguns anos atrás. Segundo, porque aumenta, cada vez mais, o número de vidas perdidas e de migrantes fugindo de tempestades, inundações e outras condições inóspitas.

Se o encontro de Paris não for uma reunião bem-sucedida, aumentará a perspectiva de, em um futuro próximo, haver ainda mais dessas condições. Com as secas e a desertificação, nossos netos e netas poderão ficar sem água para beber. O nível do mar poderá deixar as nossas praias abandonadas e em ruínas. Os países-ilhas poderão desaparecer. Os riscos para a produção agrícola são ainda maiores, e mais terríveis.

Mesmo assim, o que está sendo negociado para o Acordo de Paris são promessas voluntárias de redução de emissões que cada país oferece, com metas para alcançar até 2030. Nesses moldes, nenhum país será obrigado a cumprir nenhuma das metas pactuadas. Isso é um retrocesso, pois, em Quioto, Japão, em 1997, o cumprimento das metas para os países signatários era mandatório. Ainda assim, a maioria dos países concordou, mas não alcançou sua meta. Os dois países mais poluidores, os Estados Unidos e a China, não assinaram o Acordo de Quioto.

No caso da COP-21, o fato de as promessas serem voluntárias vai permitir que seja o primeiro acordo assinado por todos os países, com a esperança de limitar o aquecimento global, até o final deste século, a 2°C em relação a meados do século 19. Isso anima e preocupa.

Anima, porque significa uma ampliação de compromisso, e já há um pequeno avanço: aqueles dois países grandes emissores agora entraram em um acordo bilateral de compromissos voluntários. Mas preocupa, porque, assim construído, pode se transformar em uma mera carta de intenções.



PROVÁVEIS CONSEQUÊNCIAS DO AQUECIMENTO GLOBAL PARA O BRASIL

Caso o mundo não consiga limitar o aquecimento a 2°C com relação a meados do século 19, como se prevê com a COP-21, o Brasil sofrerá várias consequências. Algumas delas:¹

- Amazônia – até 60% da floresta pode virar cerrado a partir de 2050.
- Nordeste – aumentará a tendência à desertificação. O calor aumentará a evaporação, os solos serão mais secos, prejudicando a agricultura familiar e a irrigação.
- Sul – o clima muito mais quente tornará inviável a produção de grãos. Haverá chuvas e ventos fortes, porém infrequentes.
- Centro-Oeste – as chuvas serão mais concentradas, entremeadas de vários veranicos. A erosão prejudicará a agricultura. Assim mesmo, a produção de grãos deslocará do Sul para essa região.
- Sudeste – na Bacia do Prata, que corresponde a 1/6 do Brasil e onde vive a maior parte dos brasileiros, haverá muito menos água para beber e para gerar energia.
- Cidades – serão mais quentes, prejudicando os bairros pobres, sujeitos a mais inundações, enchentes e desmoronamentos. Haverá mais doenças, como dengue e malária.

¹ MARENGO, J. A. Mudanças Climáticas Globais ... (2007) Alterações Climáticas para o Brasil no século 21, MMA/IBAMA (2007)



Joseph S. Weiss
Engenheiro Agrônomo Ph.D.
Diretor da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica

LEGISLATIVO FORMOSENSE SE COMPROMETE COM A LBI



A Lei 13.136 (Lei Brasileira de Inclusão – LBI), de 6 de julho de 2015, prevê que a responsabilidade pela melhoria de condições das calçadas, passeios e locais públicos para garantir acessibilidade seja responsabilidade do poder público (União, estados e municípios).

Em janeiro, a LBI entra em vigor. Para sua efetividade, é preciso conhecimento e fiscalização. A Câmara Municipal de Formosa, Goiás, reitera seu compromisso com o cumprimento dos dispositivos da nova Lei. É o que afirma o presidente, Jurandir Oliveira. Com relação às calçadas, é preciso saber:

- Toda calçada deve ter uma faixa LIVRE de 1,20 m (passeio), para a circulação de pedestres. Em casos extremos, 0,90 m.
- Qualquer equipamento, árvore ou mobiliário urbano deve ser instalado na faixa de serviço, próxima ao meio fio.
- A rampa de acesso às garagens não pode impedir o trânsito na faixa livre.
- Não pode haver desníveis ou degraus que impeçam o trânsito na faixa livre, e a declividade máxima permitida é entre 2% e 3%, em direção à rua.
- O escoamento das águas pluviais das edificações, ou de lotes confrontantes, deve ser executado através de canalizações embutidas nos passeios, para que a água seja lançada na sarjeta.
- Pisos e texturas: o piso da calçada deve ser antiderrapante e devem ser colocadas cores e texturas diferentes (piso cromo-diferenciado e piso tátil de alerta ou direcional), para orientar as pessoas com deficiência visual.
- Eventuais desníveis ou degraus nas calçadas já existentes (de um lote para outro) devem ser ajustados por meio de rampa com inclinação recomendada entre 5% e 7% e máxima admissível de 12,5%.
- Todo obstáculo, rampa, rebaixamento de guia, deve ser sinalizado com piso tátil de alerta.

É proibido

- Impedir ou atrapalhar, por qualquer meio, o livre trânsito de pedestres nas calçadas públicas.
- Estacionar veículos sobre as calçadas públicas.
- Depositar materiais de construção, entulho ou lixo nas calçadas públicas.
- Colocar cadeiras, mesas ou qualquer obstáculo na faixa livre.

Saiba mais: [facebook.com/pessoacomdeficienciafsa](https://www.facebook.com/pessoacomdeficienciafsa)

COP-21 – COMPROMISSO DO BRASIL

O Brasil é, sem dúvida, um dos principais atores para que se consiga estabelecer um acordo ambicioso sobre o aquecimento global na Conferência do Clima de Paris (COP21). A presidenta Dilma Rousseff já anunciou a meta: “Será de 43% a contribuição do Brasil para a redução das emissões de gases de efeito estufa até 2030, com base em 2005. Neste período, o Brasil pretende o fim do desmatamento ilegal; o reflorestamento de 12 milhões de hectares; a recuperação de 15 milhões de hectares de pastagens degradadas; a integração de 5 milhões de hectares de lavoura, pecuária e florestas”.

Recentemente, a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, ressaltou que o compromisso envolve uma complexa operação, que envolve diversos setores do Estado. Segundo ela, “Tudo foi cuidadosamente colocado, explicado, discutido, ampliado”, e a meta pode até ser cumprida antes do prazo.

Oxalá os 195 países cheguem ao encontro com metas ambiciosas. O Brasil está fazendo a sua parte, ao assumir um compromisso compatível com a responsabilidade de quem detém tamanho patrimônio natural. E tomara que por aqui haja o envolvimento necessário para o cumprimento da tarefa, que é ambiciosa e necessária.

PRIMEIRA PROFESSORA COM SÍNDROME DE DOWN NO PAÍS GANHA PRÊMIO DARCY RIBEIRO DE EDUCAÇÃO

Débora conta histórias (em livro), Débora dá aulas (no Rio Grande do Norte), Débora ganha o Prêmio (em Brasília). Segundo a Associação Síndrome de Down do Rio Grande do Norte, Débora de Araújo Seabra de Moura, 33

anos, professora auxiliar de desenvolvimento infantil há nove anos, é a primeira professora com síndrome de Down no Brasil. Imensos parabéns para a professora e escritora Débora pelo Prêmio Darcy Ribeiro de Educação 2015, promovido pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, a ela concedido no último dia 27 de outubro, por seu exemplo no desenvolvimento de ações educativas no Brasil.



ENQUANTO A COR DA PELE FOR MAIS IMPORTANTE QUE O BRILHO DOS OLHOS...

Jacy Afonso

A luta pela liberdade de negros e negras, iniciada por Zumbi dos Palmares, ícone da resistência negra ao trabalho escravo, jamais cessou. Decapitado em 20 de novembro de 1695, Zumbi tornou-se símbolo do combate ao preconceito. Para homenagear os que lutam pela igualdade e não deixar que situações de exploração e discriminação fossem esquecidas, o dia 20 de novembro de 1971 marcou o momento em que o Movimento Negro saiu às ruas para resgatar sua história e sua contribuição à formação da identidade nacional. Sete anos depois, em 1978, um grupo de ativistas do Movimento Negro Unificado cunhou a data de 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra.

Séculos se passaram desde a morte de Zumbi, e a afirmação de que o Brasil não é um país racista continua uma falácia. Tragédias movidas pela discriminação envergonham nosso país. Diferenças raciais, étnicas, religiosas, nacionalidade, orientação sexual, se tornam motivos para espancamentos e assassinatos. Somos esbofeteados pelo ódio em violentas manifestações de cunho racista: jogadores de futebol e jogadoras de vôlei agredidos/as; atendentes, manicures, professores e jornalistas ofendidos; casais

inter-raciais atacados nas redes sociais; jovens em grupos proibidos de entrar em shoppings e ir à praia; suspeitos de praticar furtos amarrados em postes; chacinas contra jovens negros; praticantes de religiões de matrizes africanas agredidos. Estes e a violência policial são alguns exemplos de nossa barbárie racista que empurra a sociedade brasileira aos escombros da cidadania.

O Censo de 2010 do IBGE aponta que pretos e pardos representam 50,7% da população brasileira. Pesquisa divulgada pelo Ministério da Justiça em outubro/2015 diz que em 2013 esse grupo representou 72% das vítimas de homicídio no país. Entre brancos e amarelos o índice foi de 26%.

Apesar de nos últimos vinte anos as desigualdades sociais e econômicas terem sido significativamente reduzidas por meio de políticas públicas e de ações afirmativas, as diferenças ainda são abissais. Negras e



negros são os que têm menor grau de escolaridade, menos acesso à saúde, menor presença em cargos públicos e universidades, média salarial inferior, expectativa de vida menor. Por outro lado, são as maiores

vítimas de assassinatos, os que representam a maior taxa de desemprego e os que mais lotam as prisões. Essas conclusões estão em relatório da ONU deste ano, escancarando que o racismo é uma questão institucional e estruturante no País. Isso concretiza o que o historiador Luiz Claudio Dias Nascimento afirma: "Ninguém nasce racista; racismo se constrói politicamente".

O Dia da Consciência Negra é oportunidade para reaprendermos a história e a cultura negras; momento de repensarmos atitudes de uma sociedade que não aceita a população negra, exceto em situações de subordinação. A superação das ideias ultrajantes de uma organização social que alimenta estereótipos, definidos em um passado que tenta determinar o presente, é condição fundamental da

democracia alicerçada na igualdade de direitos.

O Dia da Consciência Negra nos traz as lutas realizadas até a sanção do Estatuto da Igualdade e da lei que torna obrigatórias as matérias de História e Cultura Afro-Brasileira nos ensinos fundamental e médio.

Com a proposta de dar visibilidade ao tema e de promover o respeito entre todos os povos, reafirmando os direitos humanos e as liberdades fundamentais dos afrodescendentes, a ONU proclamou, de janeiro de 2015 a dezembro de 2024, a Década Internacional dos Afrodescendentes, propiciando mais uma possibilidade de reflexão e debate.

A insistência de boa parte da sociedade em manter o preconceito e as desigualdades, reforçada por algumas autoridades, além de carregar o ranço do período escravagista, estabelece clausuras que intoxicam, nos apartam e distanciam da sensação de pertencimento. O discurso sobre equidade e cidadania, exaustivamente repetido, diante de ações de violenta

discriminação, se torna sórdida mentira. A aceitação ostensiva do racismo nos conduz à barbárie experimentada todos os dias de diferentes e dolorosas formas. Reafirma o que diz Bob Marley: "Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra". Ou não vivemos uma guerra contra jovens, negros, moradores de rua, homossexuais, desprovidos de respeito, cidadania e dignidade?

A reinvenção da esperança, concretizada em ações políticas, institucionais e sociais, é imprescindível e urgente para a superação da barbárie e o resgate da possibilidade de construir uma nova civilização. Um país que se diz democrático e plural assegura a atuação coletiva pela convivência digna e igualitária. Todos e todas somos responsáveis pela construção de uma sociedade sem os muros da discriminação seja econômica, racial, social, regional, cultural. A dignidade coletiva define o caminho para a humanização e a cidadania.

DANDARA: O feminino em Palmares

Dandara foi esposa de Zumbi; com ele lutava para livrar os negros da escravidão. No Quilombo dos Palmares, ela plantava e trabalhava na produção da farinha de mandioca; aprendeu a caçar, a lutar capoeira, empunhar armas. Liderava as falanges femininas do exército de Palmares e também merece nossa reverência no Dia da Consciência Negra.



Jacy Afonso de Melo
Dirigente Nacional da
Central Única dos
Trabalhadores - CUT



Fazer a energia e os avanços chegarem mais longe. A Eletrobras investe para o Brasil vencer seus desafios.

Investimento de cerca de R\$ 50 bilhões em geração e transmissão, até 2019, como parte do Programa de Investimentos em Energia Elétrica.

Os investimentos da Eletrobras em transmissão, na última década, ultrapassam os R\$ 36 bilhões. Isso aumentou a solidez e a confiabilidade do sistema Interligado Nacional, com mais de 23 mil km em novas linhas de transmissão. São obras como os Linhões Tucuruí/PA – Manaus/AM e Porto Velho/RO – Araraquara/SP.

E também permitiu a chegada da energia aonde ela não chegava antes, melhorando a vida de mais de 15 milhões de brasileiros com o Luz para Todos.

E a Eletrobras não para: os novos investimentos vão deixar nosso sistema ainda mais robusto e confiável, gerando mais energia com menor custo, de maneira limpa.

Onde tem Eletrobras tem o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.



al.sp.gov.br | correiodaparaiba.com.br | correiodeuberlandia.com.br

GRANDE OTELO, HERÓI DE MUITO CARÁTER

Jaime Sautchuk

O mineiro Sebastião Bernardes de Souza Prata, codinome Grande Otelô, teria completado 100 anos agora, provavelmente ainda encantando o Brasil com seu vigor e sua arte. Mas morreu de infarto há 22 anos, em novembro de 1993, na França, onde receberia mais uma homenagem internacional, daquela feita no Festival de Nantes.

Menino serelepe, com pouco mais de metro e meio de altura, se agigantava em picadeiros de circos, cassinos, teatros refinados, no rádio, na telinha de TV ou telões de cinema. Ator, dançarino, cantor, humorista, compositor, escritor, de tudo um pouco ele foi no mundo das

artes. Era querido por todos pela sua simplicidade e por ter um caráter a toda prova.

Talvez por ironia, era o contrário de Macunaíma, o "herói sem nenhum caráter", que o pesquisador Mário de Andrade foi descobrir na Venezuela, na pequena Santa Helena de Uairén, fronteira com Roraima. Levado ao cinema em 1969, pelo diretor Joaquim Pedro de Andrade, o personagem amazônico ganhou notoriedade mundial na interpretação inesquecível de Otelô.

Aquela altura, porém, nosso guerreiro já tinha boa quilometragem rodada. Ele nasceu e cresceu em Uberlândia (MG), em berço muito humilde, trágico até. Seu

pai morreu esfaqueado em briga de boteco, e a mãe não suportou o renitente copo de cachaça que a acompanhava dia e noite ao lado do fogão, em seu ofício de cozinheira, como empregada doméstica. Orfanato foi seu abrigo, mas ele contou com a sorte.

Aos sete anos de idade, "Bastiãozinho", como era chamado, caiu nas graças de um palhaço de circo que o colocava no picadeiro pra fazer brincadeiras. Ainda criança, ele se encantou com um grupo de teatro mambembe que passava por Uberlândia e pediu pra participar, ganhando o papel de filho de um alemão. A atriz Abigail Parecis, diretora do grupo, não só deu guarida ao

novato como o adotou como filho e o levou pra São Paulo com a trupe.

Contudo, logo ele viu que a pauliceia não era café pequeno e andou se envolvendo em querelas com sua mãe adotiva, de modo que foi cair de novo nas mãos do Juizado de Menores. Mas a mulher do rico empresário e político paulista Antônio Queiroz percebeu o talento do menino e o adotou. Uma das regalias que a nova família lhe proporcionou foi estudar no Sagrado Coração de Jesus, tradicional colégio de padres salesianos.

Ganhou de quebra a cidadania, pois foi registrado em cartório, oportunidade que teve de adotar um nome mais ao seu gosto. Em verdade, sua identidade original era Sebastião Bernardo da Costa, mas na certidão ele trocou "Bernardo da Costa" por "Bernardes de Souza", em reverência à sua mãe. E, por fim, incorporou o apelido do pai, que era o "Chico dos Prata", por trabalhar numa fazenda da família que deu nome à cidade de Prata, também no Triângulo Mineiro.

Ainda na adolescência, já no Rio de Janeiro, ele passou a integrar a Companhia Negra de Revistas, onde dançava sob a batuta de Pixinguinha. Ali, aperfeiçoou os dotes artísticos e teve sua iniciação política. Seu desempenho chamou a atenção de Jardel Jércolis, pioneiro do teatro de revistas, precursor da Chanchada, no cinema, gênero em que Otelo foi o maior.

Foi esse produtor, aliás, quem em 1932 o apelidou de "The Great Othelo", que virou seu nome de guerra, traduzido. E o manteve como principal atração dos shows do Cassino da Urca por mais de uma década. Jardel organizava, também, muitas apresentações por toda a América Latina



e Europa, principalmente Portugal e Espanha, de modo que desde cedo Otelo ganhou o mundo.

Ao mesmo tempo, ele passou a ser requisitado por grandes produtores de todas as modalidades artísticas. Numa delas, a de compositor; porém, atuava por conta própria, de acordo com as ocasiões e parcerias que surgiam. Compôs dezenas de sambas, com realce ao "Praça Onze", grande sucesso em parceria com Herivelto Martins.

No teatro de revistas e no cinema, atuou em muitas ocasiões com gente do porte de Carmen Miranda e fez dupla com Oscarito em 17 longas-metragens de comédia. Ao longo da vida, atuou na incomparável marca de 118 filmes, em grande parte humorísticos, mas em vários do chamado cinema de arte, inclusive estrangeiros.

O primeiro destes foi "It's all true", filmado no Brasil por Orson Wells, cineasta ianque de quem ele se tornou grande amigo. Outro de grande destaque foi "Fritzcarraldo", rodado na Amazônia peruana, em 1982, pelo cineasta alemão Werner Herzog. A filmagem na selva, que incluía o temperamental ator Klaus Kinski, foi uma antológica aventura. Otelo exigiu falar em espanhol, e não em alemão nem inglês. Herzog concordou, e esta virou a grande marca da obra.

Já em 1957, ele havia participado de "Rio Zona Norte", filme de Nelson Pereira dos Santos, considerado um marco no cinema nacional. Em 1962, atuou com destaque no clássico "Assalto ao Trem Pagador", dirigido por Roberto Farias. Nesse período, o engajamento político foi significativo pra ele, que se juntou a artistas, intelectuais, sindicalistas e todos os que combateram o golpe de estado de 1964, que originou a ditadura militar.

Dali em diante, ele passou a atuar mais intensamente em televisão, numa faceta de sua carreira que ele desempenhava desde a década de 1950, na antiga TV Tupi, em programas de variedades. Em 1966, foi contratado pela Rede Globo, onde atuou em grande número de seriados, programas de humor e telenovelas, até morrer.

Grande Otelo foi casado mais de uma vez. No início da década de 1940, sua primeira mulher protagonizou mais uma tragédia na vida dele. Ela se suicidou após matar um filho que já tinha quando se casou com ele. Em outro casamento, ele teve cinco filhos, um dos quais é o também ator José Prata.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

Câncer de próstata

QUANTO VALE SUA SAÚDE?

O novembro azul é só pra te lembrar de se cuidar o ano todo.

Esqueça o preconceito e reserve os melhores anos da sua vida para curtir seus netos. Faça o exame de próstata. Não dói e evita que uma surpresa desagradável lhe separe de quem você ama.

Se você tem 40 anos ou mais, procure um serviço médico e previna-se do câncer de próstata. Você vai perceber que valorizar a vida é bem mais fácil do que parece.



PREFEITURA MUNICIPAL - GESTÃO 2013/2016

VALPARAÍSO DE GOIÁS

valparaisodegoias.go.gov.br

[f/pvalparaisogo](https://www.facebook.com/pvalparaisogo)

Difusão do Cerrado

Altair Sales Barbosa

O problema da origem do Cerrado, tanto no sentido evolutivo como no sentido sucessional, nem sempre é tratado com a clareza e a distinção que o tema exige. Entretanto, levantar alguns dados é da maior importância para compreender alguns fatores ligados à sua difusão, bem como às áreas de distribuição em épocas mais recuadas.

O primeiro problema, para o qual se chama a atenção, refere-se à difusão vegetativa do Cerrado. Não há muitos estudos nesse sentido, e os que existem referem-se às áreas periféricas, nem sempre típicas. Todavia, apesar desse fato, esses estudos trazem alguns pontos elucidativos de grande importância.

Em nota complementar que acompanha a apresentação preliminar do mapa fitogeográfico do estado do

Paraná, Brasil, Maak opina que as ilhas de cerrado que ocorrem no Paraná devem ser relictos de uma vegetação climax, sendo as matas do Paraná a formação secundária de sucessão mais recente.

Comentando o trabalho de Maak, Ferri conclui, contrariamente, que no local em questão os elementos de cerrado devem ser considerados como invasores.

Em 1960, Coutinho e Ferri, estudando a transpiração e o comportamento estomático das espécies de cerrado que ocorrem na área mencionada por Maak, Campo Mourão, no Paraná, afirmam:

" Próximo do centro da cidade, encontramos um grupo de plantas que ocorrem em numerosos cerrados, e a vegetação que estudamos não tem o aspecto típico dos cerrados Altair Sales

Barbosa que conhecemos em outras localidades. (...) Como foi mencionado acima, a vegetação que estudamos não constitui um cerrado típico. Os exemplares das espécies típicas de cerrado que encontramos eram, em geral, de pequeno porte e de troncos delgados. À página seguinte: finalmente, deve-se anotar a ocorrência de numerosas plantinhas, sem dúvida alguma oriundas de sementes, o que não é frequente em cerrados velhos, bem estabelecidos em determinada região. Tudo isso faz supor que a migração de elementos de cerrado para aquela localidade é relativamente recente."

Em trabalho de 1961, no qual reuniu dados e observações próprias e de outros pesquisadores referentes à ecologia dos cerrados, Ferri retoma o tema da difusão do Cerrado e focaliza, em

especial, o fato de que, após vários anos de pesquisas neste bioma, surpreendeu-se com a constatação de que nunca encontrou plantinhas de espécies permanentes que pudesse dizer, com segurança, que provinham de sementes (com exceção do caso já mencionado de Campo Mourão, que não é um cerrado típico). A reprodução vegetativa de vários tipos é responsável por manter esta vegetação em determinado local e pela sua expansão em áreas adjacentes, mas a ocupação de locais mais afastados só pode verificar-se por germinação de sementes.

Experiências com sementes de *Stryphnodendron adstringens*, *Dimorphandra mollis*, *Eriotheca gracilipes*, *Kielmeyera coriacea*, *Annona coriacea*, *Aspidosperma tomentosum* etc., revelaram que não há dificuldade para a germinação em condições de laboratório. No Cerrado, entretanto, as mesmas sementes não germinaram ou o fizeram em porcentagem muito pequena. Mesmo quando houve alguma germinação, a sobrevivência final foi extremamente baixa.

O autor acredita poder explicar o que se passa: as sementes das plantas permanentes do Cerrado são produzidas e dispersadas, via de regra, ao final da época seca. Muitas são comidas por insetos e outros animais. Muitas morrem pelo excessivo calor solar. Algumas apenas são preservadas em certos pontos mais abrigados. Nos cerrados antigos, a superfície do solo é dura e tem um baixo teor de coloides. Assim, quase toda a água das primeiras chuvas corre pela superfície. As sementes que iniciam sua germinação com estas primeiras chuvas podem não encontrar água suficiente para prosseguir em seu desenvolvimento. Mesmo que algumas plantinhas consigam nascer, podem morrer em seguida por falta de água, porque suas raízes podem

não ultrapassar, em tempo satisfatório, a camada superficial seca do solo.

Se uma área coberta por floresta é devastada pelo homem e se sementes de plantas de cerrado aí caírem, logo a situação será bem diversa: a superfície do solo, que é macia, tem um alto teor de coloides e uma boa capacidade de retenção de água. Aí as sementes podem germinar logo e uma alta porcentagem de plantas pode sobreviver. Com o tempo, entretanto, as condições do solo conquistado pelo cerrado tornam-se cada vez menos favoráveis, até que a situação se equipare à descrita no início, com referência aos cerrados antigos.

Como adendo às observações de Ferri e colaboradores, acrescentem-se algumas das observações do professor Binómio da Costa Lima e outras próprias de Barbosa. As observações de Costa Lima datam de 1950, ao passo que as de Barbosa são de 1975, quando efetivamente passamos a acompanhar aquele pesquisador em suas jornadas de campo.

Ambos constatamos que em áreas onde a vegetação original era constituída por matas, e quando estas são degradadas e abandonadas, sem atividades que requeiram manejo do solo, a tendência é o aparecimento de espécies típicas da mata que formam uma paisagem de árvores de crescimento rápido, retlineas e finas, denominada regionalmente "capoeiras". Esse fenômeno foi observado em várias localidades do sudoeste de Goiás, em manchas de matas com cerrado nas proximidades.

Quando a área de mata é degradada e aí se exerce alguma atividade de manejo do solo, abandonada em seguida, observou-se que aumenta, significativamente, a ocorrência de leguminosas num primeiro estágio. Em seguida, começam a surgir espécies típicas de matas.

Em ambos os casos, não se observa a invasão dessas áreas por espécies de cerrado.

Constatamos também a retomada da mata nos seus aspectos originais em áreas onde, atualmente, ocorrem sítios arqueológicos e que foram degradadas para implantação de aldeias, por indígenas conhecedores da prática agrícola, com a abertura de clareiras para suas roças. Essas áreas, depois de abandonadas por essas populações, retomaram, com o passar do tempo, suas características primárias. Convém salientar que, nas áreas observadas, o período que separa a época do abandono pelas populações indígenas até os dias atuais é de 150 a 100 anos.

Outras observações nestas áreas demonstram que, quando degradadas, brota de imediato um conjunto de espécies que representam antigos cultígenos como feijão – *Phaseolus* sp., algodão – *Gossypium* sp. e guariroba – *Syagrus oleracea*. Tal fato tem, inclusive, servido como indicador para localizar sítios arqueológicos correspondentes a grupos agricultores no centro do Brasil.

Costa Lima tem constatado a invasão de áreas, originariamente com vegetação de cerrado, por espécies de matas, sempre que essas formações ocorrem próximas e quando alguma atividade altera os componentes do estrato inferior da vegetação de cerrado como, por exemplo, o pisoteio do gado, sufocando o estrato gramíneo e alterando as condições de solo.



Altair Sales Barbosa
Doutor em Antropologia/
Arqueologia pela
Smithsonian Institution -
EUA



Novembro Azul

Fabiola Silva

E eis que novamente o azul toma o lugar do cor-de-rosa de outubro. É o Novembro Azul, movimento internacional que surgiu na Austrália em 2003, para chamar a atenção para os cuidados com a saúde masculina.

Lá, em seu berço, o movimento é conhecido como MOVEMBER, junção das palavras moustache (bigode em inglês) e november (novembro em inglês). Em todos os lugares, a ideia é alertar os homens para a necessidade de prevenção do câncer de próstata, da depressão, dos acidentes de trânsito, da morte por causas externas e outras doenças. Ou seja, embora seja o câncer de próstata o alvo central do Movimento, a questão é mais ampla; o alerta é de que é preciso cuidar da saúde do homem, na sua amplitude.

A razão é simples: o homem é um descuidado consigo mesmo. Dados do SUS (Sistema Único de Saúde) mostram que os homens vão menos ao médico. Alguns se julgam invulneráveis, outros têm medo de "achar" doença, e há ainda os que acreditam que consultório médico foi feito para crianças, mulheres e idosos. A cultura de "visita" ao médico é mais comum na população feminina, com a primeira menstruação, a gravidez, os exames de Papanicolau de rotina. A prevenção não é ensinada ao homem. A campanha se repete todos os anos, sobretudo com esse intuito: mudar percepções, estigmas e valores.

O QUE É A PRÓSTATA?

A próstata é uma glândula exclusivamente masculina, localizada na parte inferior do abdômen. É um órgão pequeno que produz sêmen, líquido espesso que

contém espermatozoides e que é liberado durante o ato sexual.

O CÂNCER DE PRÓSTATA NO BRASIL

Segundo o INCA (Instituto Nacional de Câncer), o câncer de próstata é considerado uma doença da terceira idade (3/4 dos casos no mundo ocorrem a partir dos 65 anos) e é o segundo tipo mais comum entre os homens, ficando atrás apenas do câncer de pele não melanoma.

De acordo com o levantamento "O Fardo Global do Câncer 2013" (publicado no periódico *Journal of the American Association of Oncology*), que calculou a incidência, morbidade e custo social dos 28 principais tipos de câncer em 188 países, o número de novos casos de câncer de próstata no Brasil disparou 414% entre 1990 e 2013, passando de 18,7 mil para 96,3 mil. Ainda que se considere apenas a incidência da doença, isto é, a quantidade de diagnósticos a cada 100 mil habitantes, o que permite descontar fatores como crescimento populacional, o aumento ainda é grande, de 127,9%, tendo o índice se elevado de 26,52 para 60,44 no mesmo período. A doença mata cerca de cerca 15 mil homens por ano no Brasil.

Vale notar que, no caso do Brasil, o aumento observado nas taxas de incidência pode ser justificado, parcialmente, pela evolução de métodos diagnósticos (acessibilidade a exames), melhoria nos sistemas de informação e pelo aumento da expectativa de vida.

COMO E QUANDO PREVENIR?

A Sociedade Brasileira de Urologia recomenda que todo homem acima dos 50 anos faça

regularmente o PSA (dosagem do antígeno prostático específico) e o exame de toque. Homens com histórico familiar de câncer de próstata devem avisar o/a médico/a, para que seja definida a melhor conduta.

Mais importante que o PSA e o exame de toque é fortalecer a relação homem-saúde, criando a cultura de consultas de rotina, a procura e atendimento médico para prevenção depois dos 30, 40 anos, de janeiro a janeiro.

Hábitos saudáveis como realizar atividade física regular, ter uma alimentação rica em fibras, com redução de gorduras, principalmente de origem animal, diminuir o consumo de bebida alcoólica e não fumar são formas fundamentais de prevenir o câncer de próstata e outras doenças que prejudicam a saúde do homem.

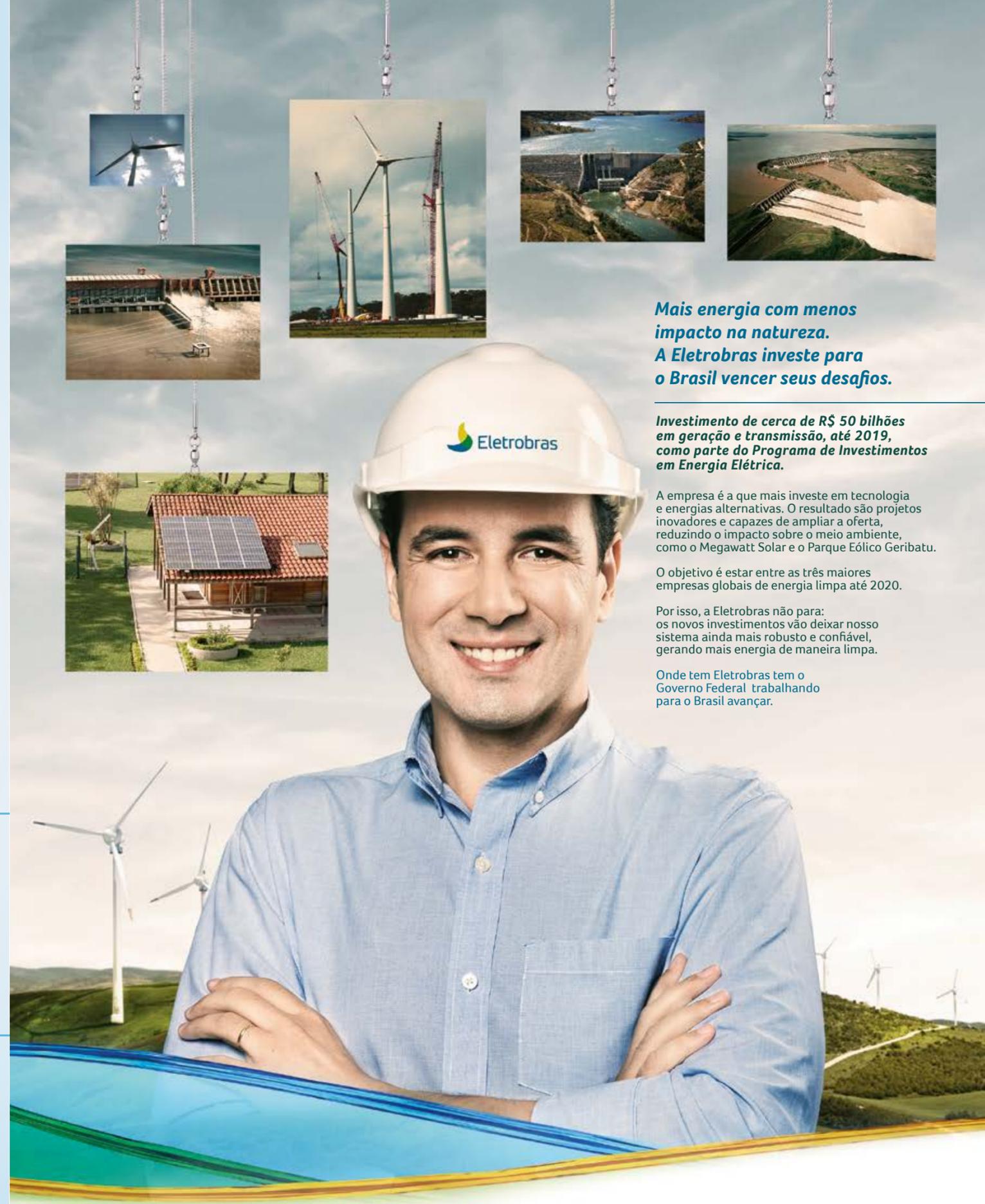
HÁBITOS E FATORES DE RISCO

- Herança genética
- Idade (maiores de 50 anos)
- Fumo
- Diabetes
- Sedentarismo
- Bebida alcoólica
- Obesidade
- Dieta rica em gordura e pobre em fibras



Fabiola Silva

Médica, formada na ELAM (Cuba), integrante do programa Mais Médicos



Mais energia com menos impacto na natureza. A Eletrobras investe para o Brasil vencer seus desafios.

Investimento de cerca de R\$ 50 bilhões em geração e transmissão, até 2019, como parte do Programa de Investimentos em Energia Elétrica.

A empresa é a que mais investe em tecnologia e energias alternativas. O resultado são projetos inovadores e capazes de ampliar a oferta, reduzindo o impacto sobre o meio ambiente, como o Megawatt Solar e o Parque Eólico Geribatu.

O objetivo é estar entre as três maiores empresas globais de energia limpa até 2020.

Por isso, a Eletrobras não para: os novos investimentos vão deixar nosso sistema ainda mais robusto e confiável, gerando mais energia de maneira limpa.

Onde tem Eletrobras tem o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.

CENTRO EDUCACIONAL AGROURBANO IPÊ DÁ AULA DE SUSTENTABILIDADE

Escola mantém uma exposição permanente de tecnologias sustentáveis

Localizado em uma Zona de Amortecimento da Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) da Granja do Ipê, o Centro Educacional Agrourbano Ipê vem, ano após ano, dando provas de como é possível criar e utilizar tecnologias sustentáveis - transformando a comunidade.

A coordenadora pedagógica, Marcilene Araújo de Castro, explica que a escola começou a desenvolver projetos nessa linha há três anos e a cada ano um novo é acrescentado. "Temos um fogão solar, um desidratador de frutas, um tanque com captação de água de chuva para criação de tilápias e a criação de uma mini agrofloresta na escola. Todos esses projetos, agrupados, formam a exposição permanente de tecnologias sustentáveis. O quintal da escola se transformou em uma vitrine para que outras pessoas pudessem encontrar algo que fosse útil para a comunidade", diz.

Segundo Marcilene, os estudantes do CED Agrourbano são filhos de agricultores locais - do CAUB I - e levam os problemas para a escola. "E nós tentamos dar uma resposta. Nossa ideia é resgatar as práticas rurais inerentes à área e essa exposição permanente vem a ajudar neste sentido. São pequenas coisas possíveis de fazer dentro de uma chácara para manter o produtor dentro daquela região".

Este ano, os professores de Ciências e Biologia Leonardo Teruyuki Hatano e Adriano Galvão, juntamente com a supervisora pedagógica Gedilene Lustosa, se empenharam na construção de uma sala ecológica, utilizando a tecnologia do superadobe e utilização de garrafas de vidro para aproveitamento da iluminação natural.

O projeto deu tão certo que foi selecionado para a 12ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, ocorrida entre os dias 19 e 25 de outubro, no Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade, em Brasília.

O professor Leonardo destaca que, para chegar a este projeto, "estivemos no Espaço Chico Mendes, na chácara do Sinpro, para fazer pesquisas de campo, analisando as bioconstruções que existem lá. A partir do que vimos e aprendemos, fizemos uma adaptação para a nossa realidade".

O objetivo, segundo o professor, é construir uma casa ecológica com materiais de baixo custo e fácil acesso, utilizando técnicas que proporcionem conforto térmico e acústico, iluminação natural, segurança e sustentabilidade. Ao final, compartilhar as técnicas com a comunidade.

A construção com superadobe apresenta inúmeras vantagens, tais como economia e rapidez, em uma obra simples e ecológica, já que utiliza poucos materiais industrializados em comparação à construção convencional.

COMO SE FAZ

Na fundação foram utilizados pedras, areia, tijolos e cimento. Primeiramente foi escavada uma vala de aproximadamente 30 cm de profundidade e 45 cm de largura onde esses materiais foram colocados e compactados para estabilizar a construção.

A parede de superadobe é feita com terra compactada no interior de saco de polietileno. Entre as camadas de sacos é colocado arame farpado para aumentar a aderência. Nas primeiras camadas utiliza-se 5% de cimento misturado à terra.

O telhado verde é de placas de madeira (aglomerado) impermeabilizado com lona. Ele recebe o substrato fértil e nele é plantado espécies com sistema radicular superficial como a capuchinha (*Tropaeolum majus*). Do telhado verde, a água da chuva é captada por meio de calhas e direcionada para uma cisterna que será construída em ferro-cimento.

A iluminação é natural, com janelas de manilhas de cimento e vitrais de garrafas reutilizadas.

BOMBAS DE SEMENTE

Outro projeto bem interessante da escola é chamado "bomba de semente", uma estratégia barata, de fácil confecção, divertida e eficiente para o reflorestamento de áreas degradadas. Com ela é possível o estudo do Cerrado de maneira interdisciplinar e mais uma ferramenta para a conscientização ambiental da sociedade.

As "bombas de sementes" são, na verdade, bolas de argila recheadas de adubo e sementes, secadas à sombra por três dias. Depois, são lançadas nas áreas afetadas durante a época

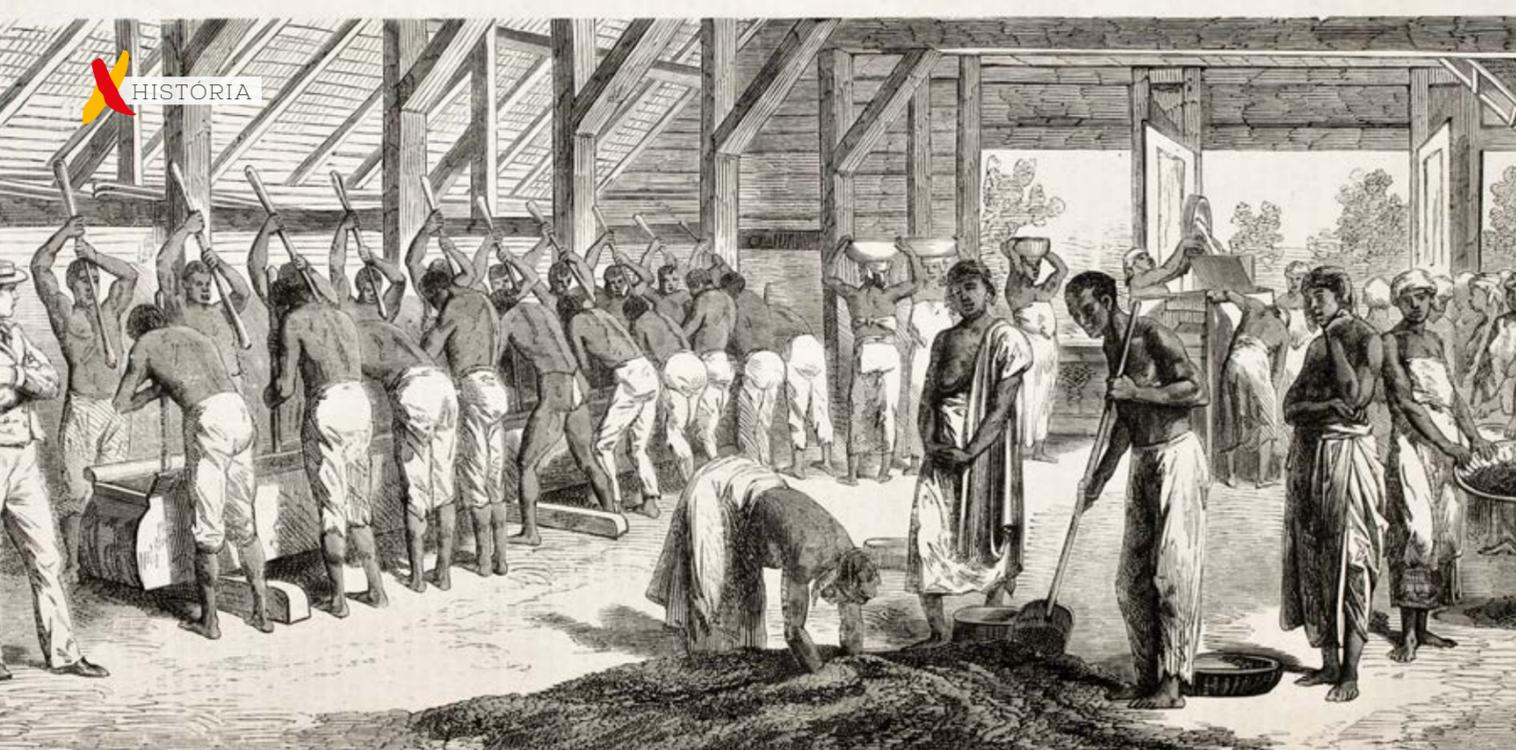
chuvosa, pois a água dissolve a argila, hidrata a semente e aumenta a chance de sobrevivência das plantas. A germinação é garantida.

A intenção é reflorestar áreas desmatadas da ARIE da Granja do Ipê, principalmente aquelas próximas às nascentes e córregos, com sementes de plantas nativas de cada fitofisionomia.

Em ambientes urbanos, as bombas de sementes podem ser lançadas em terrenos baldios contendo sementes de flores e frutíferas.

Para saber mais sobre os projetos do CED Agrourbano Ipê basta acessar o link <http://agrourbanosustentavel.blogspot.com.br/>





REPÚBLICA, LIMA, VACINA E EXCLUSÃO

O IMPÉRIO DEU AOS HOMENS E MULHERES ALFORRIADOS O STATUS DE SERES LIVRES, ENQUANTO QUE A REPÚBLICA OFERECEU A ELES A SINA DA EXCLUSÃO.

Fernando Gelfuso

Estima-se que nas eleições parlamentares de 1886, somente 0,8% da população brasileira tenha votado. Era ainda o tempo do rei, ou melhor, tempo do imperador, e o critério que definia a participação política era, principalmente, censitário, isto é, a renda. Tudo normal para uma monarquia escravocrata de raízes absolutistas, já envelhecida nas suas estruturas e esgotada diante das circunstâncias inovadoras das ordens social e econômica.

De fato, o café – não ele, mas os capitais advindos das suas exportações – contribuiu enormemente para inserir o país em uma ordem mais próxima do capitalismo, que parecia triunfar em todo o mundo ocidental. Cidades, ferrovias, telégrafo, iluminação pública, alamedas calçadas e saneadas, centros comerciais e financeiros (bancos), além de segmentos sociais urbanos de novo tipo, sinalizavam para o advento da “Belle Époque

tropical”. A anglofilia econômica e a francofilia cultural desfilavam pelas ruas, plenários, gabinetes, passarelas e teatros de quase todo o país, encantando as elites agrárias que já investiam nas cidades e uma minúscula classe média, também encantada com tudo o que viesse de Paris ou com o que possuísse rótulo britânico.

Dezoito meses depois de oficializada a abolição da escravidão (maio de 1888), aquelas “modernas” elites cafeeiras do Sudeste se associaram aos militares do Exército para desfechar um golpe mortal nas velhas estruturas monárquicas e assinar o passaporte para a modernidade política: a República.

Assim, com um atraso de pelo menos sete décadas, se comparada com os vizinhos latino-americanos, por exemplo, a forma republicana de governar chegava à terra de Lima Barreto, o grande literato brasileiro que, desde os primeiros tempos, viu

o novo regime como excludente e discricionário; e que também o percebeu como um criadouro de políticos “mais ou menos diplomados” que exploravam a miséria e a desgraça dos mais humildes. Para ele, “A república do Brasil é o regime da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele ministério e os empreguinhos que os mediocres não sabem conquistar por si e com independência”.

A indignação do genial escritor custou-lhe não somente o ostracismo literário, mas a própria exclusão social, já que, dado como louco, acabou em um manicômio. Nascido no dia 13 de maio na cidade do Rio de Janeiro, Afonso Henrique de Lima Barreto (1881-1922), filho de pais mestiços e pobres, sofreu preconceito a

vida toda. Ainda na infância ficou órfão da mãe, que era professora primária. Seu pai, tipógrafo, enlouqueceu, deixando a seu encargo o sustento e a educação de três irmãos. Estudou em meio à elite branca em tradicional colégio da capital federal, sempre com a ajuda do padrinho, o Visconde de Ouro Preto.

Em 1904, Lima Barreto foi forçado pela doença do pai a abandonar a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde estudava Engenharia. No mesmo ano consegue emprego de escrevente copista na Secretaria de Guerra e, simultaneamente, escreve para jornais e revistas do Rio.

Cinco anos depois, publicou seu primeiro romance, “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, obra que muito se assemelha a uma autobiografia – a trajetória de um jovem mulato que, vindo do interior, sofre com preconceitos raciais. Outras obras virão com o mesmo perfil. Em “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, ele descreve a vida de um senhor aposentado e suas lutas pela salvação do Brasil. Tudo isso nos tempos da infância republicana no Brasil. Esse breve histórico nos serve para afirmar a autoridade daquele escritor quando ele externava seu espírito inquieto e rebelde, seu inconformismo com a mediocridade que reinava na jovem república tupiniquim. E fora ele tachado de louco.

Fora outra a nossa proposta republicana, identificar-se-ia facilmente nela própria a insanidade maior, afinal foram os republicanos que assaltaram o poder os grandes responsáveis pela histeria modernizante que despejou nos morros do Rio de Janeiro a população trabalhadora que vivia nos cortiços do centro da capital. Ela, a Res (coisa) Pública (coletiva, de todos), projetou a modernidade excluindo quem não estivesse adequado aos encantos da Belle Époque, ou quem atralhasse os projetos

saneadores da nova ordem liberal e republicana. Reestilizar a capital federal era tão importante quanto saneá-la ou cuidar da saúde pública. Naquele contexto, a Revolta não era contra a Vacina, era contra a favelização da cidade, e Lima Barreto sabia disso.

Embutida no ideário liberal iluminista burguês, que preconizava uma ordem social onde todos os homens fossem iguais perante a lei, a proposta republicana chegou ao Brasil sem incluir. Sua primeira Constituição, promulgada em 1891, sequer reconhecia os direitos dos povos indígenas sobre os territórios por eles habitados; às mulheres e aos analfabetos – maioria esmagadora da sociedade da época – foi negado o direito de votar; aos que votavam, era negado o sigilo do voto. De tão preocupada com o “rei” café e com as maravilhas advindas com a ordem e com o progresso, as elites republicanas esqueceram-se de, minimamente, reconhecer aos trabalhadores recém-saídos das senzalas o direito ao trabalho, à vida, à existência. O Império deu aos homens e mulheres alforriados o status de seres livres, enquanto que a República ofereceu a eles a sina da exclusão.

A República não era mesmo a dos sonhos de Lima Barreto, de Chiquinha Gonzaga, de José do Patrocínio, de Lopes Trovão, Luiz Gama, Cruz e Souza ou mesmo de Silva Jardim. República com cidadania era coisa de subversivos, de incendiários. Ela, a República real, tinha na verdade classe e cor. De tão excludente que era, parece ter oferecido às elites brancas que a construíram direitos perpétuos de mandar, excluir e corromper...e Lima Barreto, assim como os outros subversivos da República, já sabia.



Fernando Antônio Gelfuso
Cientista Social, Historiador,
Professor.



CSAS: COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA

AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM BRASÍLIA

Foto: Acervo CSA Brasília

Fabiana Peneireiro e Adriana Ramos

Agricultores e agricultoras contando com apoio para seu trabalho, o que viabiliza sua permanência no campo, e pessoas na cidade comendo alimentos saudáveis, sabendo de onde estes vêm, como e por quem são produzidos. Esse sistema de ajuda mútua, que rompe a lógica do alimento como mercadoria, é a proposta das CSAs, uma parceria entre agricultores/as e coagricultores/as que promove a mudança “da cultura do preço para a cultura do apreço”.

CSA vem da expressão em inglês Community Supported Agriculture, que significa comunidade que sustenta a agricultura. Nessa proposta, o/a agricultor/a deixa de vender seus produtos por

meio de intermediários e conta com a participação dos consumidores e consumidoras na organização e financiamento de sua produção. Quem escolhe fazer parte de uma CSA passa a colaborar para o desenvolvimento sustentável de sua região, estimulando o comércio justo, a economia solidária e, assim, torna-se coagricultor/a.

Em uma CSA, os agricultores e agricultoras têm, antecipadamente, a garantia de apoio financeiro para viabilizar suas atividades; ou seja, têm a certeza de que o que será colhido irá alimentar alguém e a segurança de que não haverá desperdício. Quem apoia a atividade passa a conhecer a procedência do seu alimento,

a compartilhar com amigos e amigas o ideal da alimentação saudável, a trocar receitas e a experimentar a convivência comunitária. A aprendizagem recíproca nos métodos de cultivo, no preparo dos alimentos e nas visões de mundo é uma marca forte das CSAs.

Nessa parceria, os agricultores e agricultoras dedicam-se às atividades de cuidar da terra, da água, da agrobiodiversidade e das sementes; de produzir os alimentos, fazer a colheita semanal e disponibilizá-los nos pontos de convivência. Os coagricultores e as coagricultoras participam do planejamento da produção anual, definindo as variedades que desejam cultivar; discutem

a planilha de custos de produção (incluindo insumos, remuneração pelo trabalho e outras necessidades do/a agricultor/a e sua família); organizam os pagamentos que financiam antecipadamente a produção; estabelecem os pontos de convivência onde os produtos são retirados semanalmente; trocam experiências e receitas; e, se quiserem, podem participar do processo produtivo.

Em Brasília, três CSAs estão em funcionamento: CSA Barbeta (com 60 coagricultores/as), a pioneira; CSA Toca da Coruja (com 22 coagricultores/as); e CSA Aldeia do Altiplano (com 12 coagricultores/as). O interesse despertado foi tão grande que, para todas elas, há listas de espera de coagricultores/as desejando ingressar, e já existe um coletivo – chamado CSA Brasília – voltado a fomentar a ideia. As CSAs promovem encontros periódicos que permitem aos coagricultores e às coagricultoras compartilhar experiências, alimentar a relação de confiança entre si e se conectar com a Terra.

Cada CSA funciona de acordo com as características e desejos das pessoas que dela participam. A escolha das culturas alimentícias é combinada, levando em consideração gostos e hábitos alimentares, mas também as possibilidades do/a agricultor/a e as condicionantes ambientais da região.

Os alimentos são colhidos em sua época de produção mais favorável, de modo a compor uma cesta sortida com produtos da estação (frutos, flores, folhas e raízes). Os coagricultores e coagricultoras certamente encontram produtos que nunca comprariam no supermercado. Participar de uma CSA é uma excelente oportunidade para

diversificar a alimentação, conhecer outros sabores, fontes de alimento e formas de preparo. E, principalmente, de contribuir para um mundo mais sustentável e socialmente mais justo.

A CSA propõe uma relação solidária de apoio mútuo em que o/a agricultor/a sabe que pode contar com o apoio do grupo, viabilizando sua atividade produtiva, e o grupo de coagricultores/as sabe que pode contar com o/a agricultor/a na oferta de alimentos saudáveis com responsabilidade socioambiental.



Foto: Acervo CSA Brasília

Co-agricultoras recolhem suas cestas no novo ponto de convivência da CSA Barbetta na Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS). Setembro 2015.

COMO PARTICIPAR DE UMA CSA

Se você também tem interesse, converse com seus amigos e amigas, junte um grupo e procure um/a agricultor/a, de preferência que já trabalhe na perspectiva agroecológica, ou tenha interesse de fazer a transição nessa direção. Você pode procurar as experiências já existentes, ou outras instituições, para buscar apoio à criação de uma nova CSA.

Uma vez definidos agricultor/a e coagricultores/as, todos juntos escolhem que alimentos querem e podem produzir; distribuem as funções (comunicação, tesouraria e outras) e definem o valor da contribuição mensal de cada coagricultor/a. Para isso, o/a agricultor/a apresenta e pactua com os coagricultores e coagricultoras uma planilha com os custos da produção (irrigação, adubação, sementes, mudas, trabalho, ferramentas, manutenção) e indica o tamanho do grupo que é possível atender (quantas cestas).

A esse valor pode-se acrescentar o apoio a atividades coletivas do grupo e também à CSA Brasil, que promove cursos e ajuda a difundir a ideia (visite <http://www.csabrasil.org/site>). É importante que todos e todas se comprometam com o processo por pelo menos seis meses para estruturar a CSA. Se o grupo achar necessário, pode haver um documento como um termo de adesão a ser assinado por todos/as, mas o fundamental é a determinação de envolvimento verdadeiro.



Fabiana Peneireiro
Agrônoma, Mestre em Ciências Florestais pela Esalq/USP. Membro do Núcleo Brasília do Mutirão Agroflorestal. Agricultora da Ecovila e CSA Aldeia do Altiplano.



Adriana Ramos
Jornalista. Vice-Secretária Executiva do Instituto Socioambiental (ISA). Coagricultora da CSA Aldeia do Altiplano.

Sindicato dos Bancários

Por uma sociedade justa e igualitária

“Os sindicatos representaram, nos primeiros tempos do desenvolvimento do capitalismo, um progresso gigantesco da classe operária, pois propiciaram a passagem da dispersão e da impotência dos operários aos rudimentos da união de classe.” (Lênin).

Em mais de cinco décadas de história, o Sindicato dos Bancários de Brasília vem conquistando respeito e credibilidade por suas ações e se consolida como uma peça fundamental na luta pelos direitos da categoria e por uma sociedade justa e igualitária.

Ao longo desses 55 anos, foram inúmeras as batalhas. Hoje, a entidade se orgulha de chegar à maturidade forte, independente, democrática e combativa. E continua firme, cada vez mais, no seu propósito de defender os bancários e bancárias do DF.

Fundada em 22 de setembro de 1960, a entidade surgiu a partir da necessidade de organização dos trabalhadores que vieram para a Capital Federal em busca de melhores condições de vida.

Ainda um imenso canteiro de obras, o alto custo para se manter em Brasília dificultava a vida dos que chegavam com a expectativa de dias melhores. Além de enfrentar a falta de transporte e de infraestrutura, os bancários sofriam com as disparidades salariais e com a carga horária exaustiva.

Por isso, em 1960, o mineiro Alvimar Figueira da Fonseca, junto com outros 296 colegas, fundou a Associação Profissional dos Empregados em Estabelecimentos Bancários em Brasília,



sendo seu primeiro presidente. Em 1961, a Associação foi transformada em Sindicato.

Naquela década, o Sindicato dos Bancários de Brasília já mobilizava e organizava uma das primeiras greves dos funcionários do Banco do Brasil. E também apoiava a paralisação dos barbeiros de Brasília, numa demonstração de solidariedade de classes, um dos princípios da CUT, mantidos até hoje com o apoio à luta de outros trabalhadores.

Bancários vítimas da ditadura

No ano em que o Sindicato completa 55 anos, a diretoria trouxe à tona a história sofrida dos bancários, na época da repressão. E lançou, em maio, o Relatório Simplificado sobre os bancários e familiares do DF vítimas da ditadura militar (1964-1985), elaborado pela Comissão da Verdade dos Bancários de Brasília.

“Os brasileiros merecem conhecer a sua história e saber o que aconteceu no período sombrio e antidemocrático iniciado com o golpe militar de 1964, quando cidadãos desapareceram e famílias foram dilaceradas”, destacou o presidente do Sindicato, **Eduardo Araújo**.

Outro trabalho elaborado pelo Sindicato sobre este tema é a edição especial da Revista Extratos, lançada este mês.

Mãos Contrárias

Antonio Victor

*Minhas mãos não nasceram para as palavras,
mas para as ações pesadas que tantas vezes dispensam
o tão inútil pensar.*

*Minhas mãos em sua essência
são mãos ásperas, agrestes,
que de rugas se revestem na perpetuação do tempo.
Minhas mãos nasceram para amansar cavalos
e segurar bois.*

*Procuram, no entanto, amansar as palavras
e em vão tentam dominá-las.*

*Nasceram as minhas mãos para as tetas da vaca
e a feitura do queijo.*

*E espremem e apertam e buscam extrair o leite das palavras.
Estas mãos nasceram para derrubar madeira,
para rachar lenha, para bater estaca,
esticar o arame, levantar cercas.*

*Mas lutam com as palavras, dividem as palavras, puxam as
palavras e acabam erguendo cercas entre elas e as palavras.*

*Minhas mãos nasceram para laçar o gado
e tentam laçar as palavras.*

Nasceram para o cultivo da terra e tentam laborar as palavras.

Nasceram para cortar a cana e tentam moer as palavras.

Nasceram para construir açudes e tentam represar as palavras.

*Minhas mãos nasceram para abrir buracos
E tentam tanger estrelas.*

*Minhas mãos vivem escravas
de um ofício forçado para o qual não foram feitas.*

*Minhas mãos vivem escravas do verbo e da palavra,
porque nasceram para os calos e para o braço da enxada.*

*É por isso tenho certeza que minhas mãos,
sempre presas, nunca conseguiram nada.*



Antonio Victor
Professor, Compositor,
Escritor

SONIA BONE GUAJAJARA

— Zezé Weiss



Desde tempos imemoriais, o povo indígena Guajajara/Tentehar habita as matas do que hoje se conhece como Terra Indígena Arariboia, no Maranhão. Depois de mais de 400 anos de resistência, com muita coragem, muita determinação e muita luta, os Guajajara/Tentehar conseguiram manter sua história, sua cultura, suas belas e milenares tradições.

Guerreira como seu povo, a líder indígena Sonia Bone Guajajara, 41 anos, casada, mãe de três filhos (Mahkai, Yaponã e Y'wara), acadêmica graduada em Letras e pós-graduada em Educação Especial pela Universidade Estadual do Maranhão, traduz o espírito de resistência dos Guajajara/Tentehar: Sonia é hoje uma das lideranças mais expressivas do movimento indígena brasileiro.

À frente da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB, onde exerce a função de coordenadora-executiva, Soninha, como é chamada por seus “parentes” indígenas e por suas amigas no Brasil e mundo afora, gosta do que faz. Ela entende seu trabalho como missão e, com a mesma paixão e carinho, cuida tanto das questões locais do seu povo, no Maranhão, quanto das grandes causas nacionais dos povos indígenas.

Acostumada a travar grandes embates tanto em nível nacional quanto internacional, Sonia se

fortalece nos inúmeros desafios que sempre enfrenta. Sua fala expressa isso com extrema clareza:

“É muito difícil ser indígena hoje e mais difícil ainda ser liderança, porque as forças políticas e econômicas querem dominar, manipular e decidir, e para isso vale roubar, matar, invadir e destruir, como acontece com o meu povo no Maranhão.

Hoje vivemos em 11 Terras Indígenas, na região onde sempre foi a nossa terra originária. Embora nossas Terras tenham cumprido todo o rito da demarcação, do registro e da homologação, enfrentamos

uma constante situação de risco dentro da nossa própria casa.

Nossas comunidades são constantemente ameaçadas e nossas lideranças são frequentemente assassinadas por invasores – fazendeiros, grileiros, mercenários, pistoleiros-, que nos destroem, nos roubam, nos matam e, pior, tentam acabar com nossos costumes e tradições, ameaçando, assim, a vida dos homens e das mulheres indígenas de nossas aldeias e de nossa região.

Fico muito triste porque, ao invés de garantir os territórios sagrados aos povos indígenas, o que se busca são formas

de legalizar o desalojamento forçado, negando direitos conquistados, no Maranhão e no Brasil inteiro”.

Mesmo um passeio rápido pelas redes sociais, nas últimas semanas, dá uma ideia da dimensão da gravidade da conjuntura enfrentada por Sonia e pelo movimento indígena brasileiro neste final de ano. Em 27 de outubro, a Comissão Especial da Câmara dos Deputados aprovou a PEC 215 que, na prática, acaba com o processo de demarcação de terras indígenas no Brasil. Soninha se posiciona:

“A PEC 215 é um desses instrumentos de violar direitos, de negar direitos e de retroceder direitos dos povos originários. Agora, aprovada na Comissão Especial da Câmara dos Deputados, o passo seguinte será a votação em Plenário. Lá, seremos esmagados por esse sistema político fascista em que se tornou o Congresso Nacional. Mas estamos atentos e vigilantes, queremos ver formas de impedir que chegue ao Plenário e, de qualquer forma, vamos continuar mobilizando o Senado para que mantenham seu posicionamento contrário”.

Este ano, 48 senadores e

senadoras assinaram um manifesto dizendo “não” à PEC 215. “Vamos ver se agora sustentam sua palavra. Por outro lado, é muito claro que tanto a Câmara quanto o Senado e o Ministério Público estão usando esta PEC como moeda de troca para negociar seus interesses”, afirma Soninha.

A brava guerreira, que desde menina se indignava quando ouvia falar que “índio não pensava, quer era bicho violento, que não podia exercer um trabalho além da roça, que deveria ficar isolado na mata, que existe muita terra para pouco índio, que índio bom é índio morto, e por aí vai” não se intimida. Ao contrário, se fortalece na adversidade: “A cada vez que perdemos uma batalha, mais coragem me dá e mais forças eu tenho para continuar lutando”.

Esta é Sonia Bone Guajajara, uma grande liderança nacional, uma sensível mulher indígena que acredita e ousa construir um mundo diferente, “mas um diferente que valorize as diferenças, as competências, as habilidades e, sobretudo, a riqueza e as diversidades culturais, o deus que cada ser humano é” – diz a guerreira.

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 215, de autoria do ex-deputado Almir Sá, de Roraima, que tramita na Câmara desde o ano 2000, tem sido alvo de críticas e protestos, porque representa um retrocesso e uma ameaça aos direitos dos povos indígenas. Veja o que muda, segundo a proposta:

COMO É	COMO SERIA
A decisão sobre demarcação de terras indígenas cabe à Fundação Nacional do Índio (Funai), ao Ministério da Justiça e à Presidência da República.	A competência de demarcar terras indígenas passa a ser do Congresso Nacional.
A demarcação é definitiva	Pode haver revisão em processos de terras já demarcadas.
A regulamentação é feita por Decreto do Executivo.	A regulamentação passa a depender de Lei, aprovada pelo Congresso Nacional

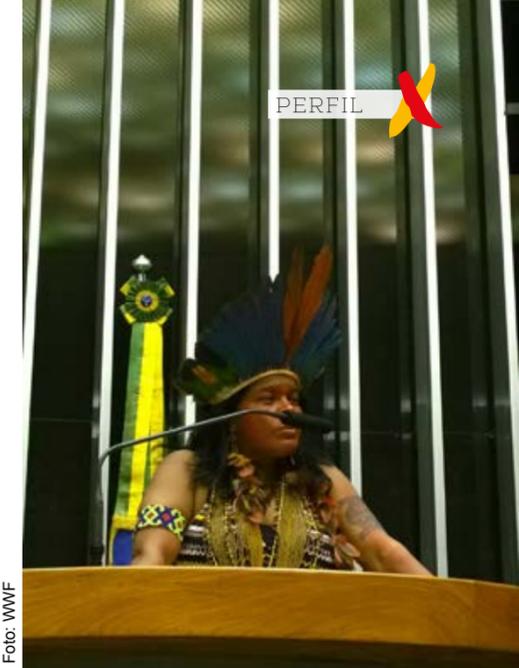


Foto: WWF



Fotos: Celso Maldos



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental



CUIDAR DE NOSSA GENTE: ESSA É A PRIORIDADE

Com muito trabalho e respeito ao bem público,
a casa começa a ficar em ordem.



PRIMEIRA

Reestruturação das contas públicas;

Folha salarial em dia;

Projeto de recuperação e asfaltamento de vias;

Entrega de creches e Unidades Básicas de Saúde;

Construção de 04 escolas;

Entrega de Ambulâncias para os Distritos de
Santa Rosa, JK e Bezerra.



PREFEITURA DE

Formosa
Construindo uma vida melhor

www.formosa.go.gov.br

POR UMA NOVA ECONOMIA

PARA CUIDAR DA TERRA, NOSSA CASA, NOSSA ÚNICA MORADA

Carlos Caridade

Dos grandes desafios para a sustentabilidade do planeta Terra, nossa casa, nossa única morada, um dos mais prementes é criar consciência para mudar as relações da sociedade humana com o consumo. Nos dias de hoje, a espécie humana não está acostumada a se preocupar com a escassez de recursos naturais no nosso *habitat*, pois, embora para muitos já comece a faltar água, para boa parte de nós o problema ainda parece distante do nosso dia a dia.

Ainda que existam legítimas preocupações com respeito ao aumento das populações e à escassez da produção de alimentos no mundo, o maior desafio para a continuidade da nossa vida na Terra passa pela questão das nossas relações com o meio ambiente. Muito mais que o crescimento da população, o cuidar do ambiente é o verdadeiro ato sociocultural importante para incorporarmos na nossa relação com a Natureza, com o Planeta.

O crescimento econômico e populacional dos últimos séculos criou o cenário perfeito para o surgimento, explosão e consolidação do consumo de massa e, conseqüentemente, deu início ao processo de estabelecimento de uma cultura baseada no consumo. Daí surgiu o verdadeiro problema a ser enfrentado e, talvez, o provável causador do colapso socioeconômico de nossa sociedade.

As pessoas passaram a consumir cada vez mais e, mais que isso, foram adotados em todo o mundo padrões de produção e consumo incompatíveis com a capacidade dos ecossistemas e das reservas de recursos existentes se recuperarem. A partir desse momento, começamos a experimentar o declínio de uma trajetória que parecia não ter limites.

Na grande maioria das vezes é o consumo – em especial de recursos hídricos e de terra, através da análise da mudança da sua cobertura e uso em conexão com a urbanização, o avanço das fronteiras e o desmatamento – que serve como “gancho” ou conexão entre os dois temas, mas parece que a discussão sobre o que é realmente consumo na perspectiva da Demografia pouco tem avançado.

Considerando que este Planeta é a nossa morada, precisamos dela cuidar, adotando uma nova forma de relações de produção e consumo.

A Economia Solidária é um jeito diferente e ideal de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Todas as relações realizam-se sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.

Nas últimas décadas, a economia solidária vem se apresentando como forma inovadora alternativa de geração de trabalho e renda, contribuindo para a inclusão social. Ela compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Nesse sentido, compreende-se por economia solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão. É uma proposta ideal para ajudar a construir uma sociedade mais justa e igualitária para todas e para todos.



Carlos Caridade
Professor

A Brasileiríssima Jabuticaba

Lucia Resende

*Atrás do grupo escolar, ficam as jabuticabeiras / Estudar a gente estuda / Mas depois, / ei pessoal; / (...) / Jabuticaba chupa-se no pé.
Carlos Drummond de Andrade, em trecho de Menino Antigo*

Quem não se lembra de ter repetido, do rol de adivinhações que figuram no repertório popular: "o que é o que é que nasce verde, cresce redondinha, fica preta e vai estourar no céu"?

E quem nunca chegou debaixo de uma jabuticabeira carregada, tirou a fruta do pé, jogou na boca e a fez estourar ali no palato, lembrando-se daquela adivinhação, provavelmente não é do Brasil. Se é, figura como exceção.

A pretinha deliciosa é coisa nossa, e os registros de sua existência por aqui datam da época do Descobrimento. Típica da Mata Atlântica, a jabuticabeira (*Myrciaria cauliflora*) ocorre, naturalmente, de forma mais concentrada, na região Sudeste, mas também pode ser encontrada em outras matas. Cultivada, é figura certa nos pomares de todo o país.

Alimento de insetos, aves, capivaras, porcos-do-mato, cutias, macacos, micos, quatis

e muitos outros animais, a jabuticaba contribui para preservar nossa fauna. Mas é o bicho gente que lhe dá maior valor, seja para o consumo ao natural ou para ser usada no preparo de doces, tortas, sucos, xaropes, bolos, geleias, licores, vinhos, aguardentes, vinagres ou, ainda, como corante.

Estudos indicam que produtos feitos com a jabuticaba possuem propriedades antioxidantes, pois a fruta contém alta concentração de polifenóis, especialmente a quercetina e a rutina.

ALGUMAS RAZÕES PARA CONSUMIR JABUTICABA

- Os polifenóis da fruta contribuem para melhorar a qualidade de vida de pacientes diabéticos e de portadores de doenças degenerativas como o mal de Alzheimer;
- A quercetina e a rutina

possuem propriedades antitumorais e antiglicêmicas, ajudam a combater o colesterol ruim (LDL) e aumentam o colesterol bom (HDL), além de revigorarem o sistema nervoso.

- A fruta contém compostos de vitamina C, B2 e B5, e é fonte de minerais como cálcio, ferro e fósforo.
- O chá de cascas de jabuticaba é empregado no tratamento de angina de peito, disenteria e erisipela.
- O chá da entrecasca é usado para tratamento da asma.
- O caldo da jabuticaba, usado em gargarejos, é eficaz contra as inflamações agudas e crônicas da boca e garganta.
- A jabuticaba é anti-inflamatória e é indicada em caso de: amigdalite, inflamação dos intestinos, doenças do sistema respiratório, inclusive tuberculose.

Geleia de Jabuticaba

INGREDIENTES

- Jabuticabas
- Açúcar
- Água

MODO DE PREPARO

Lave bem as jabuticabas, esmague um pouco e coloque numa panela ou tacho. Coloque água até cobrir bem as frutas. Deixe descansar por uns 15 minutos e leve ao fogo, deixando ferver até as jabuticabas ficarem bem macias (20-30 minutos). Escorra o caldo em uma peneira e reserve. Deixe esfriar um pouco e passe as jabuticabas numa peneira de trama média, esfregando bem, para extrair o máximo de polpa (vá colocando um pouquinho de água enquanto coa). Em seguida, misture o caldo reservado com a polpa e passe tudo por uma peneira mais fina. Coloque de volta no tacho ou panela, acrescente o açúcar na proporção ½ para 1 (1 litro de caldo, ½ litro de açúcar). Leve ao fogo alto e deixe ferver, mexendo de vez em quando com uma colher de pau, até dar o ponto de geleia (uma hora mais ou menos, fogo alto). O ponto é quando, ao mexer, a calda começa a ficar espumosa e a subir. Na dúvida, coloque um pouquinho num copo com água fria. Juntou no fundo, está pronta a geleia. Daí, é deixar esfriar e servir com bolachas, pães, queijos, bolos etc.



Lucia Resende
Professora.

@mluciares



CALENDÁRIO DAS SESSÕES ORDINÁRIAS EM 2015

NOVEMBRO	03 (terça-feira)	04 (quarta-feira)	10 (terça-feira)	11 (quarta-feira)	12 (quinta-feira)
DEZEMBRO	01 (terça-feira)	02 (quarta-feira)	08 (terça-feira)	09 (quarta-feira)	10 (quinta-feira)

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A hora é agora



A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) está prevista no artigo 210, da Constituição Federal, para o ensino fundamental, e a LDB (Lei 9.394/96) estabeleceu isso em seu artigo 26. Desde então, muitos têm sido os estudos e os debates nesse sentido.

Mais recentemente (2009-2011), as Diretrizes Curriculares Nacionais, fruto de amplo debate, foram elaboradas "tendo em vista o atendimento às novas demandas educacionais geradas pelas transformações sociais e econômicas e pela acelerada produção de conhecimentos".

Entre essas demandas, o desafio de manter os jovens na escola. No Brasil, segundo dados do IBGE (2010), somente 37% dos jovens de 18 a 24 anos já haviam completado o ensino médio. Para mudar essa estatística, necessário se faz reformular o ensino, tornar a escola mais atraente para os jovens. Essa reformulação passa, não só, mas necessariamente, pelo currículo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais instituem a obrigatoriedade de implantação de uma base nacional comum, estendida a toda a Educação Básica (ensino fundamental e médio). O Plano Nacional de Educação (Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014), fixou o prazo para a construção da BNCC: até junho de 2016.

Sem dúvida, isso vai depender de amplo esforço da sociedade brasileira e, em particular, dos mais de 2,1 milhões de professores

e professoras que atuam nos cerca de 190 mil estabelecimentos escolares, atendendo aproximadamente 50 milhões de estudantes no país.

No dia 19 de setembro, o Ministério da Educação lançou o documento-base, que deve ser debatido, modificado, ajustado nos Estados e municípios para se chegar ao conteúdo comum que será adotado em todas as redes de ensino do país. O texto propõe que parte das disciplinas seja variável, conforme as demandas de cada região, e padroniza pelo menos 60% do currículo da Educação básica. Ao fazê-lo, esclarece que "a Base é parte do Currículo e orienta a formulação do projeto Político-Pedagógico das escolas, permitindo maior articulação deste. A partir da Base, os mais de 2 milhões de professores continuarão podendo escolher os melhores caminhos de como ensinar e, também, quais outros elementos (a Parte Diversificada) precisam ser somados nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos. Tudo isso respeitando a diversidade, as particularidades e os contextos de onde estão".

O texto apresentado pelo MEC reúne direitos e objetivos de aprendizagem relacionados a quatro áreas de conhecimento – ciências da natureza, ciências humanas, linguagens e matemática – e seus respectivos componentes curriculares para todas as etapas da Educação básica. Agora, é hora de debater,

de contribuir, de acrescentar, de ajustar, para que se tenha uma boa proposta a ser submetida ao Conselho Nacional de Educação e regulamentada até junho de 2016, quando termina o prazo previsto no PNE.

Em paralelo, contribuições podem ser feitas também pela internet até o dia 15 de dezembro, no portal <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/cadastro>, criado exclusivamente para permitir a participação de qualquer pessoa, seja de forma individual ou coletiva.

O Ministério da Educação quer que a BNCC seja uma construção coletiva. Ítalo Dutra, Diretor de Currículos e Educação Integral do órgão, enfatiza: "Pra nós, importa nesse momento a maior quantidade de mobilização possível. Não nos interessa produzir um documento que fique encerrado dentro das paredes do MEC. Nos interessa produzir uma proposta que vai não para um referendo, mas para uma discussão pública importante, que pode ser modificada, reorganizada, e isso depende da interação entre os diversos atores nos estados".

O presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Roberto Leão, considera fundamental que as entidades filiadas promovam debates com a categoria e participem dos fóruns institucionais organizados pelas secretarias de Educação. E alerta: "Uma preocupação nossa, que

os professores e a sociedade precisam estar muito atentos, é quanto ao fato de a base nacional estar ligada à proposta de formação de professores e

continua ligada à feitura de testes standardizados; então, para nós, isso é um problema que precisa ser debatido e resolvido para que a gente possa ter uma Educação

que não perca o seu conteúdo nacional, não perca a espinha dorsal do país e, ao mesmo tempo, não engesse e respeite as diferenças regionais".

Goiás no debate

Em Goiás, em 21 de outubro foi constituído o comitê estadual, composto por universidades, representantes do setor privado, trabalhadores em Educação, representados pelo Sintego, outras entidades representativas, juntamente com a Secretaria de Educação e as Secretarias municipais.

Bia de Lima, presidenta do Sintego, explica como serão as discussões: "Em todo o estado, as comissões vão fazer a organização e receber as contribuições. Nós já solicitamos às nossas Regionais que definam quem é que vai representar o Sintego nessas comissões. É fundamental ter gente nossa em todas elas, não só para contribuir, mas também para acompanhar o chamamento dos professores em todas as redes, tanto dos municípios como também do estado".

Uma das preocupações do sindicato é que cheguem ao MEC, de fato, as contribuições dos trabalhadores e trabalhadoras em Educação. "Nós não queremos que seja mais uma discussão em que a gente participa, orienta, prepara, produz, analisa, propõe e depois o governo no final faz como quer. Nós vamos acompanhar o desenrolar dessas comissões e aqui também no Comitê Estadual vamos acompanhar como serão direcionadas essas contribuições para o MEC" – diz Bia.

Além da construção da BNCC, Bia alerta que da mobilização da categoria vai depender também a existência de uma parte diversificada que contemple "as questões inerentes à regionalidade, às riquezas do nosso povo, às particularidades de cada região, de cada escola. Não pode ser um conhecimento sistematizado



Sintego defende ampla participação na construção da BNCC

que não traga as riquezas e os detalhes que todos nós achamos fundamentais do nosso povo, da nossa sociedade, dos tempos e da nossa gente". E completa: "Goiás é um estado agrícola, por isso, tanto Educação do Campo, quanto a Educação de Jovens e Adultos (EJA) são preocupações do Sintego, para que elas integrem a base curricular. Nós queremos um olhar cauteloso, cuidadoso para a educação do campo. Nesse momento um grupo de entidades está fazendo essa discussão por meio de seminários e audiências públicas sobre a importância da Educação do Campo no estado inteiro, e o Sintego participa desse esforço. Essas contribuições devem ser incluídas no documento de Goiás, porque muito se fala da Educação no Campo, mas não se garantem as condições devidas para a sua concretização".

O maior desafio, entretanto, é conseguir, em curto prazo, até 15 de dezembro, que todos conheçam o texto-base e saibam como

apresentar suas sugestões, como acompanhar, discutir e analisar as propostas. O Sintego vai tentar um alargamento pelo menos desse prazo inicial. "Tivemos o Enem, outras dinâmicas de avaliação como o Saeb, com os professores envolvidos e tendo pouco tempo, portanto, para se debruçar sobre as propostas da BNCC. Precisamos de mais tempo. Esse tempo proposto pelo MEC é exíguo. Fizemos uma carta ao MEC solicitando a extensão dos prazos e aguardamos resposta porque queremos ter condições de debater a BNCC com profundidade, como desejamos".



filial à CUT BRASIL



Fotos: viajecomigo.tur.br | cileidemoussallem.com.br | intravel.com.br

ALTER DO CHÃO O PARAÍSO NA TERRA

Zezé Weiss

Em 2009, o jornal inglês *The Guardian* classificou Alter do Chão como uma das dez mais belas praias do Brasil. Banhadas pelas águas quentes e verdes do Rio Tapajós, extensas faixas de areia branca e, numa quantidade imensa, pequenas ilhas se formam no período da vazante, que vai de agosto a fevereiro.

É o tempo dos banhos de praia,

das peixadas ao luar na Ilha do Amor, localizada em uma bela península com terrenos arenosos e inundáveis. Ou dos piqueniques em praias menores, como a do Cajueiro, próxima à vila, na orla do rio Tapajós.

Depois, vem o período das cheias, de março a julho, com água por todo lado. Vão-se as ilhas, ficam os botos, lindos botos cor-de-

rosa fazendo piruetas ao longo das rotas dos barcos que se aventuram em incursões pela floresta a partir da Vila de Alter do Chão, distrito administrativo do município de Santarém, no estado do Pará.

FESTA DO SAIRÉ

Em Alter do Chão, todo ano, em geral no começo do período

da vazante, acontece um dos festivais folclóricos mais lindos da Amazônia, a Festa do Sairé, ou Çairé, segundo a comunidade local. Centrada no folclore dos botos Tucuxi e Cor-de-Rosa, a festa, originalmente indígena (povos Borari), mistura elementos profanos e religiosos.

Os festejos, que giram em torno da sedução, da morte e da ressurreição dos botos, começam com o hasteamento de dois mastros enfeitados com frutas regionais, disputados separadamente por mulheres e homens.

Em seguida, dá-se o ritual religioso e realiza-se a apresentação de danças folclóricas pelas comunidades da região, com representações das tribos indígenas, da Cunhantã-iborari, da Príncipeza do Lago Verde, da Rainha do Çairé, do Tuxaua (cacique), do Pajé e dos pescadores. O enredo, ecológico, ressalta

sempre a natureza. No Lago Verde, palco da trama, a indiazinha Cunhantã-iborari é engravidada pelo boto. Seu pai, o Tuxaua, manda matá-lo. Com isso, atrai a fúria dos maus espíritos da floresta. Para aplacá-los, o Tuxaua pede ao Pajé que faça a ressurreição do boto, em um momento de apoteose do festival.

No último dia, ocorre a "varrição da festa", composta pela derrubada dos mastros, seguida por um almoço de confraternização, chamado de "cecuíara" e, à noite, um grande baile de "confraternização dos barranqueiros".



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental

COMO CHEGAR

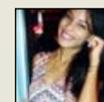
Todos os caminhos para Alter do Chão passam por Santarém. Em geral as pessoas chegam de barco, de carro ou de ônibus. De Santarém a Alter do Chão, são 38 km de estrada asfaltada, pela rodovia Everaldo Martins a PA-457. Em Santarém, os ônibus saem de hora em hora, sempre cheios. Para quem for com muita bagagem, é melhor tomar um táxi.



1º CONCURSO @revistaxapuri NO INSTAGRAM

outubro 2015

Parabéns, vocês ganharam uma assinatura da Xapuri por 12 edições!



1º lugar
Fernanda Medeiros Justo
@fernandamjusto – 19 anos, estudante de Letras na UnB, Brasília. "Conheci a revista Xapuri e em pouco tempo me impressionei com a qualidade do conteúdo. Abrange temas diversificados de um Brasil diversificado. Parabéns por esse trabalho maravilhoso! Sou fã!"



2º lugar
Helvio Roberto Araujo Filho
@araujohelvio – 26 anos, fotógrafo, Formosa – Goiás. "Como sou amante das artes visuais, o que mais me encanta é o design da revista, que é belíssimo."



3º lugar
Juliana Bessa
@rulianabessa – 29 anos, pesquisadora, Brasília. "A revista Xapuri está preocupada em conectar pessoas às suas comunidades, em mostrar a riqueza brasileira e do Cerrado, a riqueza das populações e o encanto do ambiente em que vivem."



3º lugar
Amandê Slaviero
@mandyrslav – 31 anos, psicóloga, São Paulo. "O que mais gosto: a forma alegre com que vocês apresentam os conteúdos – porque fala de bem-estar e saúde e cuidados sem ficar negativo nem chato pro leitor."

VEM COM A GENTE VOCÊ TAMBÉM! PARTICIPE DO 2º CONCURSO @revistaxapuri NO INSTAGRAM

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2015 | GRATIDÃO PELA PARCERIA!

Siga e marque seus amigos e amigas: @revistaxapuri | www.xapuri.info/assine



MANEJO DE JACARÉ É REALIDADE EM RONDÔNIA

André Brunckhorst

Uma experiência pioneira em manejo de fauna silvestre está ocorrendo na Reserva Extrativista (Resex) do Lago do Cuniã, uma unidade de conservação federal localizada em Rondônia. Com uma área de 50.850 hectares na margem esquerda do rio Madeira, nela vivem cerca de 90 famílias distribuídas em quatro vilas ao redor do lago, conhecidas por Neves, Silva Lopes Araújo, Pupunhas e Araçá.

No período das cheias, o acesso à Resex se dá por barco, em 7 horas a partir de Porto Velho, a capital do estado. Na seca, com a baixa dos igarapés, o acesso é feito a pé ou de moto, por 12 quilômetros

de trilha, partindo da comunidade ribeirinha de São Carlos do Jamari. A natureza local se caracteriza por floresta densa com grandes árvores, como sumaúmas e castanheiras centenárias. A ave-fauna se apresenta com revoadas de biguás, garças, andorinhas, saracuras e ciganas, com relatos de onças pardas, pintadas, preguiças, antas, queixadas e jacarés.

Os moradores da reserva são descendentes de migrantes nordestinos que, no início do século passado, foram trabalhar nos seringais da região, e de índios da etnia Mura. Nesse período de ocupação e interação

com a floresta, vieram a adquirir harmonia e cumplicidade com o ambiente local. O sustento vem da pesca e do agroextrativismo. Pescam com fartura tucunaré, pacu, tambaqui e pirarucu; coletam com bonança açaí, castanha, bacaba, tucumã e cupuaçu. Não há miséria e fome no Cuniã.

Nos anos de 1980, a perspectiva era de criação de uma Estação Ecológica, unidade de conservação de proteção integral, que não pode ser habitada. As comunidades ao redor do lago rapidamente se organizaram em associação e juntas lutaram por um longo período para que a área fosse

convertida em Reserva Extrativista (Resex), categoria de uso sustentável que permite a presença de moradores. Vitória concretizada em novembro de 1999.

Com a criação da Resex e um controle maior da caça e pesca na unidade, um aumento rápido e significativo na população de jacarés veio a ocorrer no lago Cuniã, com consequentes registros de ataques a moradores; o mais grave levou uma criança a óbito. Revoltados, passaram a cobrar do Ibama, à época, e depois do ICMBio, ações que reestabelecessem o equilíbrio populacional de jacarés e a paz na comunidade.

A partir dessa situação de conflito, foi proposta a construção de um projeto pioneiro de manejo da população de jacarés, com viés ambiental e econômico. Iniciado pelo Ibama e pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN), centro de referência, especializado na geração e na gestão de informações que subsidiam ações de conservação de répteis e anfíbios. Hoje o projeto está sob a supervisão da Coordenação de Produção e Uso (Coproduct/ICMBio).

De acordo com o pesquisador do RAN/ICMBio Marcos Eduardo Coutinho, o caso do Cuniã atende dois dos principais objetivos do manejo de fauna silvestre, que são o de buscar o equilíbrio ecossistêmico de uma superpopulação e o de gerar renda por meio da produção sustentável de carne e couro de jacarés.

Os estudos sobre a viabilidade do manejo se iniciaram em 2004, por meio de expedições de campo para coleta de dados e análises laboratoriais. Com respaldo científico e técnico, e com recursos financeiros oriundos de compensação ambiental de uma empresa de energia, o manejo teve início em 2009, quando um pequeno frigorífico na comunidade Silva Lopes Araújo foi construído e 100 animais capturados.

A Coprod/ICMBio define as



cotas anuais de abate, subsidiada por um trabalho permanente de pesquisa e monitoramento populacional dos jacarés. Em 2014 não houve captura devido a uma grande cheia no Rio Madeira. Porém, para 2015 a cota autorizada é de 900 animais.

Para viabilizar o projeto, os moradores foram capacitados para realizar desde a captura do jacaré até o processo industrial de corte, embalagem e transporte do produto final. O frigorífico comunitário possui registro no Serviço de Inspeção Sanitária (SIM) de Porto Velho, o que permite à carne ser toda comercializada por uma rede de supermercados da capital. Já o couro é vendido para empresários de Minas Gerais. A receita mensal de cada uma das 83 famílias envolvidas no projeto é, em média, de 700 reais, durante um período de safra que varia de 4 a 5 meses.

Segundo critérios determinados no plano de manejo do projeto, para serem abatidos os animais devem ser do sexo masculino e

terem tamanho próximo de dois metros. A captura é feita à noite, a fim de causar o mínimo de stress ao animal. O abate acontece logo pela manhã, e para isso se utiliza uma pistola pneumática insensibilizadora, desenvolvida especificamente para o abate de jacarés.

Diferente das formas convencionais de produção animal, no manejo sustentável o jacaré vive livre em seu ambiente natural, sem interferência do homem no seu desenvolvimento. O projeto da Resex Cuniã nos confirma que a convivência harmônica de comunidades tradicionais com o uso dos recursos naturais é possível, viável e necessária, uma vez que os maiores defensores deste patrimônio natural são os seus próprios moradores, desde que respaldados por boas políticas públicas.



André Brunckhorst
Consultor Coprod/ICMBio/
PNUD



Música Fenaé 2015 Recife

**MÚSICA FENAE 2015
VAI AGITAR RECIFE ENTRE OS DIAS 2 E 4 DE DEZEMBRO**

O festival, promovido pela Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal, em parceria com as Apcefs, reúne e valoriza talentos entre empregados da Caixa de todo o país. Evento ocorre em Recife, entre os dias 2 e 4 de dezembro

Está tudo pronto para mais um Música Fenaé. Marcado para ocorrer de 2 a 4 de dezembro, o evento, promovido pela Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica

Federal (Fenaé), é muito mais do que um festival, cujo sucesso aumenta a cada edição. É um fomentador de talentos entre os empregados do banco. Durante os três dias, Recife (PE) receberá

representantes de 25 Associações do Pessoal da Caixa (Apcefs), que disputarão a fase eliminatória, da qual vão sair os 12 finalistas. No dia 4, além da cerimônia de premiação, haverá shows da

Banda Versalle e de Margareth Menezes. A apresentação da cantora baiana vai contar com a participação especial de Alceu Valença.

O Música Fenaé 2015 vai privilegiar, mais uma vez, a interatividade com o público e a valorização das manifestações da localidade anfitriã. "A logomarca do festival reúne elementos que destacam as características arquitetônicas e culturais da capital pernambucana, fazendo referências ao Maracatu e ao movimento Mangubeat", destaca o diretor de Cultura da Fenaé, Moacir Carneiro. E acrescenta: "A transmissão pela internet e o prêmio do Júri Popular são formas de integrar todos os empregados da Caixa e a sociedade em geral".

As apresentações da 12ª edição do Festival poderão ser acompanhadas pelo hotsite do evento: www.fenaé.org.br/musicafenaé2015. O público também poderá escolher a canção preferida entre as 12 finalistas. Além da composição mais votada pela internet, serão premiados o melhor intérprete e as cinco melhores músicas. "Acompanhei várias seletivas estaduais e posso adiantar que o nível será muito elevado. Teremos ótimas canções na disputa. Estão todos convidados a acompanhar", diz Moacir Carneiro.

História

O Música Fenaé surgiu em 1986, com a primeira edição sendo realizada em Vitória (ES). Na época, ainda era chamado de Festival da Canção dos Empregados da Caixa (Fenec). De lá para cá, as demais edições ocorreram



em Manaus/AM (1987), Porto Alegre/RS (1989), Campos do Jordão/SP (1991), São Luís/MA (1993), João Pessoa/PB (1998), Natal/RN (2004), Salvador/BA (2006), Maceió/AL (2008), Goiânia/GO (2010) e Belém/PA (2013). Podem participar do Música Fenaé os empregados Caixa que são associados a uma das 27 Apcefs do país.





Foto: joapessoa.pb.gov.br

PRAÇAS RECORTADAS, CIDADES ERRADAS

Antenor Pinheiro

Construídas para ornamentar os espaços urbanos, as praças das cidades brasileiras estão sendo suprimidas para dar lugar aos carros.

O mais difícil não é construir uma praça, mas mantê-la como elemento de composição estética da cidade, seja como valor ornamental, seja como marco referencial para seus habitantes. Contrariando esses conceitos, as praças das cidades brasileiras estão sendo assediadas por gestores pouco conectados com a urbanidade possível e gradativamente sendo suprimidas para dar

passagem aos carros e demais usuários motorizados dos sistemas viários urbanos.

Não diferente de outras cidades brasileiras, os gestores da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, têm se notabilizado nos últimos anos em promover verdadeiro desmanche de seus espaços orgânicos com o intuito de otimizar a fluidez dos veículos motorizados.

Canteiros centrais, praças e outros pontos bucólicos referenciados por árvores centenárias têm sofrido impiedoso ataque em nome de uma discutível modernização dos seus espaços de mobilidade, que na verdade nada mais é que garantir a acomodação de sua frota veicular. Estranha intervenção, pois contradiz todo o discurso oficial da Prefeitura local em defesa da construção de uma "cidade para as pessoas". E assim a cidade continua sendo recortada, numa eterna e devastadora improvisação.

O mais preocupante, contudo, é que medidas assim são uma constante no jeito de administrar as cidades brasileiras. A falsa ideia de que é possível responder à demanda do transporte individual parece condenar à cegueira os prefeitos e vereadores das cidades. Sabem muito bem esses gestores que, quanto mais se abrem ruas, viadutos, avenidas, túneis para carros e motos, mais carros e motos surgirão para ocupar todos os espaços possíveis. Assim seguem construindo cidades para carros e motos na contramão do que outras sociedades exigem e praticam. Afrontam a Lei Nacional da Mobilidade Urbana, que

aponta noutra direção, na medida em que traça diretrizes dedicadas à priorização dos espaços urbanos para pedestres, ciclistas e usuários do transporte coletivo. Parecem cometer os gestores sucessivos erros deliberadamente, alimentando um círculo vicioso sem fim, incapazes que são em inovar, ousar e adotar matrizes que humanizem as cidades, devolvendo-as para as pessoas, como manda a lei.

Ainda em Goiânia, já que foi foco de reportagem com a mesma pauta, veiculada no Jornal Nacional (19/10), convém anotar que a atual gestão da Prefeitura tem realizado importantes intervenções em sua estrutura viária, que visam melhorar a qualidade da mobilidade das pessoas, tais como a implantação de corredores preferenciais de ônibus, BRT, cicloviárias e ciclofaixas. Mesmo que pontuais, são intervenções que contemplam conceitos modernos, já que priorizam o transporte coletivo e o transporte não motorizado (bicicleta), a despeito das calçadas ainda não merecerem semelhante consideração.

Por outro lado (e paralelamente) ocorrem ações que causam espécie, já que são totalmente contraditórias

àquelas, nada havendo de compatível com os mesmos conceitos de sustentabilidade. Assim aconteceu com a retirada das palmeiras da Avenida 85 e dos flamboyants da Goiás Norte; com o acréscimo de faixas de rolamento da mesma 85 e na Avenida Couto Magalhães; com a abertura do túnel da Avenida Araguaia e a construção do viaduto da T-63... e agora, a supressão da Praça do Relógio, em favor da fluidez de carros e a criação de vagas de estacionamento, conforme noticia o jornal O Popular em sua edição de 10 de outubro/2015 - no mínimo, uma gestão claramente bipolar.

É como conclui o professor Paulo César Marques da Silva (UnB) em seu artigo recente no blog do Noblat (site de O Globo, 22/10): "a praça que desaparece hoje vai atrair maiores volumes veiculares, que logo congestionarão praças mais adiante. Como a prefeitura não aprendeu a fazer outra coisa, os novos gargalos farão de novo o verde dar lugar ao asfalto, que atrairá mais carros, até que o povo, enfim, chegará à terra prometida... no meio do deserto".



Antenor Pinheiro
Jornalista, Coordenador da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) Regional Centro-Oeste.

Foto: onibusmtca.blogspot.com



AS GRANDES TRAVESSIAS

Leonardo Boff

A Grande Transformação da Consciência opera uma complicada travessia, necessária para fundar um novo paradigma, capaz de transformar a eventual tragédia ecológico-social numa crise de passagem que nos permitirá um salto de qualidade rumo a um patamar mais alto de relação amistosa, harmoniosa e cooperativa entre Terra e Humanidade.

Importa fazer as seguintes grandes travessias, a maioria delas em curso:

- Do paradigma Império, vigente há séculos, para o paradigma Comunidade da Terra.
- De uma sociedade industrializada, que depreda os bens naturais e tensiona as relações sociais, para uma sociedade de sustentação de toda a vida.
- Da Terra tida como meio de produção para a Terra como um ente vivo, chamado Gaia, Pacha Mama ou Mãe Terra.
- Da era tecnozoica, que devastou grande parte da biosfera, para a era ecozoica, pela qual todos os saberes e atividades se fazem interdependentes para salvaguardar a vida no Planeta.
- Da lógica da competição, que se rege pelo ganha-perde e que opõe as pessoas, para a lógica da cooperação do ganha-ganha, que congrega e fortalece a solidariedade entre todos.
- Do capital material, sempre limitado e exaurível, para o capital espiritual e humano, ilimitado, feito de amor, solidariedade, respeito, compaixão e de uma confraternização como todos os seres da comunidade da vida.
- De uma sociedade antropocêntrica, separada da natureza, para uma sociedade biocentrada, que se sente parte da natureza e busca ajustar seu comportamento à lógica do processo cosmogênico, que se caracteriza pela sinergia, pela interdependência de todos com todas e pela cooperação universal.

Se é perigosa a Grande Transformação da sociedade de mercado, mais promissora ainda é a Grande Transformação da consciência. Triunfa aquele conjunto de visões, valores e princípios que mais congregam pessoas e melhor desenham um futuro de esperança para todos.

Essa seguramente é a Grande Transformação da Consciência. Ela irá crescer, consolidar-se, ganhar mais e mais espaços de consciência e de práticas alternativas até assumir a hegemonia da nossa História.



Leonardo Boff
Teólogo. Filósofo. Escritor



NOVEMBRO AZUL

Durante todo o mês de novembro, a Prefeitura de Anápolis intensifica suas ações de conscientização e promoção de saúde para os homens. O objetivo é alertar sobre a importância da prevenção e incentivá-los a adotar atividades que melhorem a qualidade de vida.

Homem que se cuida não perde o melhor da vida

NEGRINHO DO PASTOREIO

Nos tempos da escravidão, havia lá pelas bandas do Sul um estancieiro malvado, que gostava de judiar com os escravos. E havia ali um negrinho, um menino de 14 anos, que cuidava dos animais da fazenda.

Certo dia de inverno, fazia um frio de rachar e de bater queixo. O fazendeiro gritou o menino e mandou que fosse pastorear os cavalos e potros que acabara de comprar. A ordem era trazer os bichos, e rápido.

No final da tarde, tremendo de frio, o menino voltou com os animais, mas logo o homem gritou que faltava um cavalo baio. Já foi falando e chicoteando. Foi uma surra tão grande que o negrinho ficou sangrando. E o estancieiro deu logo nova ordem: "Você vai me dar conta do baio, ou verá o que acontece!".

Amedrontado, o menino saiu à procura do animal na noite fria e escura. Logo ele achou o baio pastando. Jogou o laço, acertou de primeira, mas a corda se partiu, e o cavalo fugiu de novo.

Ao saber do ocorrido, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e o amarrou, totalmente despido, em cima de um formigueiro.

No dia seguinte, mal o sol raiou, o malvado foi ver o estado de sua vítima. Encontrou o menino de pé, com a pele lisa, sem nenhuma

marca das chicotadas. Ao lado dele, Nossa Senhora, a quem ele chamava de madrinha. Mais adiante, o baio e os outros cavalos. O estancieiro se jogou no chão pedindo perdão, mas o negrinho apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu, conduzindo a tropilha.

Depois disso, o Negrinho do Pastoreio já foi visto inúmeras vezes tocando uma tropilha de tordilhos, montado em um cavalo baio. Diz a lenda que, quando qualquer pessoa do campo perde uma coisa,

basta acender uma vela, rezar um Pai Nosso e pedir ao Negrinho, que ele campeia e acha, colocando em lugar fácil para o/a dono/a encontrar.

Ah, mas a vela não pode ser colocada em qualquer lugar. Tem de ser junto do mourão de alguma porteira ou debaixo de alguma árvore, e enquanto acende a chama a pessoa tem de dizer: "Foi por aí que eu

perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi...".

Portanto, se andando por aí alguém encontrar um menino

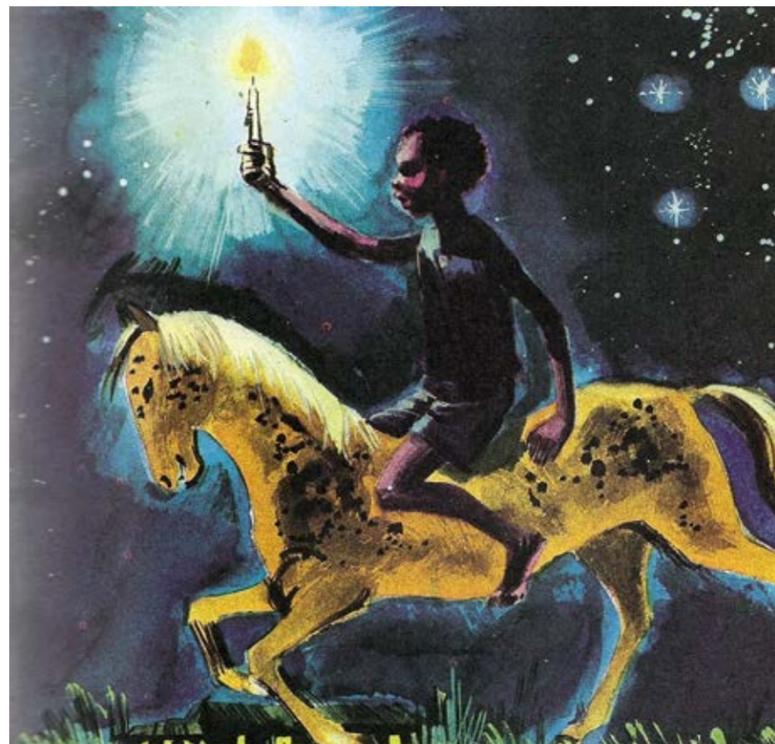


Foto: studiocio.com.br

ligeiro, alegre, montado num cavalo baio e tocando uma tropilha, não precisa duvidar, é ele mesmo: o Negrinho do Pastoreio. Precisando, é só chamar, que ele acode. Dizem que, se ele não achar o que foi perdido, ninguém mais acha.



Lúcia Resende
Professora.



Promoção ELEVE-XAPURI

05 DE NOVEMBRO – 15 DE DEZEMBRO DE 2015

Compre

01 REVISTA XAPURI
NO SUPERMERCADO ELEVE



Concorra

01 CESTA DE PRODUTOS ELEVE
NO SUPERMERCADO ELEVE
708/709 NORTE

Como

1. Compre a revista Xapuri
2. Ao pagar, preencha o cupom com seus dados
3. Coloque o cupom no cofre da campanha
4. Boa sorte, aguarde o resultado!

Entrega do prêmio

Supermercado Elege, a partir de 16 de dezembro.



eleve
mercado saudável
708/709 norte

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

Parceria sustentável por uma vida saudável.



**Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.**

TASS

61 3033 3333